



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEONELA SABRINA BILUCA

**A EXPRESSÃO DO ELOGIO EM CARTAS DO SÉCULO XX DESTINADAS AO
MAESTRO MEXICANO CARLOS CHÁVEZ**

Florianópolis

2024

Leonela Sabrina Biluca

**A EXPRESSÃO DO ELOGIO EM CARTAS DO SÉCULO XX DESTINADAS AO
MAESTRO MEXICANO CARLOS CHÁVEZ**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.
Área de concentração: Teoria e análise linguística.
Linha de pesquisa: Descrição e análise de línguas naturais.
Orientadora: Profa. Dra. Leandra Cristiana de Oliveira.

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Biluca, Leonela Sabrina

A expressão do elogio em cartas do século XX destinadas ao maestro mexicano Carlos Chávez / Leonela Sabrina
Biancandora, Leandra Cristina de Oliveira, 2024.
80 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. ato de elogio. 3. cartas. 4. cortesia verbal. 5. espanhol. I. Oliveira, Leandra Cristina de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Leonela Sabrina Biluca

A expressão do elogio em cartas do século XX destinadas ao maestro mexicano Carlos Chávez

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 24 de junho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Edair Maria Gorski
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Leandra Cristina de Oliveira
Orientadora

Florianópolis

2024

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Leandra Cristina de Oliveira, pela paciência e incentivo.

À minha família pelo apoio incondicional.

Aos membros da banca, agradeço pelas contribuições e aprendizado.

Aos meus colegas do núcleo *Estudios en Corpus del Español Escrito con Marcas de Oralidad* (CEEMO) pelas trocas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina pelo suporte.

Podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos a um elogio
(Sigmund Freud)

RESUMO

Este estudo discute o uso do elogio em correspondências do século XX escritas para o maestro mexicano Carlos Chávez. A análise pretende examinar em que medida o elogio representa uma ameaça para a imagem negativa do interlocutor, como propõem Brown e Levinson (1987), e acionar discussões que possam dar luz para as manifestações que essa teoria não contempla. Nesse sentido, o fenômeno do elogio, caracterizado por Maíz-Arévalo (2020) e Reyes López (2014), dialoga com a Teoria da cortesia verbal de Brown e Levinson (1987) e os campos teóricos que fundamentaram essa teoria: os estudos da linguagem de Goffman (1970), Grice (1982), Austin (1990 [1962]) e Searle (1976). Além disso, leva-se em consideração os estudos sobre os gêneros do discurso (Marcuschi, 2002), mais especificamente o texto epistolar (Tin, 2005) e sua manifestação escrita com marcas de oralidade (Koch; Oesterreicher, 2007). Os procedimentos utilizados envolvem a análise documental de abordagem interpretativa qualitativa e quantitativa. O material base para a análise é um acervo de documentos disponibilizado pelo núcleo [*estudios en*] *Corpus del español escrito con marcas de oralidad* (CEEMO), que conta com cartas do *Archivo General de la Nación* – Cidade do México (MX). As amostras fazem parte do *Corpus Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez* (CICC), com cartas recebidas por Carlos Chávez, pianista, regente de orquestra, professor e um dos compositores mais importantes do século XX. As missivas em análise têm como origem os seguintes contextos geográficos: Argentina, México, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela. A análise permitiu verificar que, de 59 elogios, apenas um dado (1,7% das ocorrências) representa risco para a imagem negativa do interlocutor e, portando, a interpretação dos elogios não está contemplada na classificação de Brown e Levinson (1987). Esses resultados indicam que, para este corpus, prevalece a elaboração do elogio em atenção ao desejo de aprovação do interlocutor, o que se aproxima da proposta de Kerbrat-Orecchioni (2006) de que o elogio é um ato que produz efeito valorizante e atua no reforço da imagem positiva.

Palavras-chave: ato de elogio; cortesia verbal; cartas; espanhol.

ABSTRACT

This study discusses the use of praise in 20th century correspondence written to the Mexican conductor Carlos Chávez. The analysis aims to confirm whether compliment represents a threat to the interlocutor's desire for freedom of action, as proposed by Brown and Levinson (1987). In this sense, the phenomenon of compliment, characterized by Maíz-Arévalo (2020) and Reyes López (2014), dialogues with Brown and Levinson's (1987) theory of verbal politeness and the theoretical fields that support this theory: the language studies of Goffman (1970), Grice (1982), Austin (1990 [1962] and Searle (1976). It also takes into account studies on discourse genres (Marcuschi, 2002), more specifically the epistolary text (Tin, 2005) and its written manifestation with marks of orality (Koch; Oesterreicher, 2007). The procedures used involve document analysis with a qualitative and quantitative interpretative approach. The base material for the analysis is a collection of documents made available by the *Corpus del español escrito con marcas de oralidad* (CEEMO), which includes letters from the *Archivo General de la Nación* - Mexico City (MX). The samples are part of the *Corpus Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez* (CICC), with letters received by Carlos Chávez, pianist, orchestra director, teacher and one of the most important composers of the Mexican 20th century. The letters under analysis originate from the following geographical contexts: Argentina, Mexico, Puerto Rico, Dominican Republic and Venezuela. The analysis showed that out of 59 compliments, only one (1.7% of occurrences) posed a risk to the negative face of interlocutor and, therefore, the interpretation of the compliment was not included in Brown and Levinson's (1987) classification. These results indicate that, for this corpus, compliment is given in response to the interlocutor's desire for approval, which is close to Kerbrat-Orecchioni's (2006) proposal that compliment is an act that produces an enhancing effect and acts to reinforce a positive face.

Keywords: act of compliment; verbal courtesy; letters; Spanish.

RESUMEN

Este estudio analiza el uso del cumplido en correspondencias del siglo XX escritas al director de orquesta mexicano Carlos Chávez. El análisis pretende confirmar si el cumplido representa una amenaza al deseo de libertad de acción del interlocutor, como proponen Brown y Levinson (1987) y movilizar discusiones que puedan arrojar luz sobre manifestaciones que esta teoría no contempla. En este sentido, el fenómeno del cumplido, caracterizado por Maíz-Arévalo (2020) y Reyes López (2014), dialoga con la teoría de la cortesía verbal de Brown y Levinson (1987) y los campos teóricos que sostiene esta teoría: los estudios del lenguaje de Goffman (1970), Grice (1982), Austin (1990 [1962]) y Searle (1976). También tiene en cuenta los estudios sobre los géneros discursivos (Marcuschi, 2002), más concretamente el texto epistolar (Tin, 2005) y su manifestación escrita con marcas de oralidad (Koch; Oesterreicher, 2007). Los procedimientos utilizados implican el análisis de documentos con un enfoque interpretativo cualitativo y cuantitativo. El material base para el análisis es una colección de documentos puestos a disposición por el *Corpus del español escrito con marcas de oralidad* (CEEMO), que incluye cartas del *Archivo General de la Nación - Ciudad de México (MX)*. Las muestras forman parte del *Corpus Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez* (CICC), con cartas recibidas por Carlos Chávez, pianista, director de orquesta, maestro y uno de los compositores más importantes del siglo XX mexicano. Las misivas analizadas proceden de los siguientes contextos geográficos: Argentina, México, Puerto Rico, República Dominicana y Venezuela. El análisis mostró que, de 59 cumplidos, sólo uno (1,7% de las ocurrencias) suponía un riesgo para la imagen negativa del interlocutor y, por lo tanto, la interpretación del cumplido no se incluyó en la clasificación de Brown y Levinson (1987). Estos resultados indican que, en este corpus, el cumplido se hace para satisfacer el deseo de aprobación del interlocutor, lo que se acerca a la propuesta de Kerbrat-Orecchioni (2006) de que el cumplido es un acto que produce un efecto valorizador y actúa para reforzar una imagen positiva.

Palabras clave: acto cumplido; cortesía verbal; cartas; español.

LISTAS

QUADROS

Quadro 1: Estratégias comunicativas	31
---	----

FIGURAS

Figura 1: Estratégias e estimativa de risco para a imagem.....	33
Figura 2: Valores paramétricos comunicativos da carta privada.....	413
Figura 3: Localização da carta entre meio e conceito	435

TABELAS

Tabela 1: Frequência de uso das estratégias na amostra	513
--	-----

GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência de uso de estratégia comunicativa	5860
---	------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Cortesia verbal e interfaces teóricas	13
2.1.1 Goffman e os conceitos de face e território	15
2.1.2 Grice e o Princípio de Cooperação	18
2.1.3 Atos de fala	20
2.1.4 Teoria da cortesia verbal	26
2.1.5 O ato do elogio	33
2.2 Gêneros do discurso	36
2.2.1 Textos epistolares	37
2.2.2 Carta privada: texto escrito com marcas de oralidade	39
3 METODOLOGIA	44
3.1 O <i>corpus</i> CEEMO/CICC	46
3.2 Amostra	47
3.3 Cartas: aspecto formal e funcional da amostra	48
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	51
4.1 Estratégias e imagens envolvidas nos contextos de elogio	51
4.2 Tipos recorrentes de elogios da amostra do corpus CICC	59
4.3 Aplicação da Teoria de Brown e Levinson nos dados do corpus CICC	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	70

1 INTRODUÇÃO

A cortesia verbal, condição básica para a promoção da ordem social e cooperação humana, tem sido foco de vários estudos no campo da pragmática linguística graças aos trabalhos que, voltados para a reflexão da língua em uso, introduziram a cortesia como objeto de estudo, com destaque para o ensaio *The logic of politeness* de Robin Lakoff publicado em 1973, o livro *Politeness: Some universals in language usage* de Brown e Levinson de 1987 e *Principles of pragmatics*, de 1983, do linguista Geoffrey Leech. No entanto, essas teorias tradicionais propõem modelos universais baseados majoritariamente em estudos do fenômeno da cortesia em contextos de língua inglesa. Dessa forma, Diana Bravo, na apresentação de *Pragmática sociocultural* (2004), afirma que os estudos sobre a cortesia em espanhol eram escassos antes que Henk Haverkate, com seu livro *La cortesía verbal* de 1994, passasse a impulsionar trabalhos nessa língua. Essa situação vem mudando com propostas teóricas e metodológicas voltadas para o estudo da cortesia na Espanha e América Latina.

A teoria da cortesia proposta por Brown e Levinson (1987) é, por um lado, o modelo que recebeu maior reconhecimento e destaque; por outro, é também alvo de críticas e reformulações. Entre as críticas está justamente a perspectiva etnocêntrica do modelo, que propõe universais, mas reflete principalmente os valores de cortesia da cultura anglo-saxônica ocidental. Nesse contexto das críticas sobre os universais, estudiosos da cortesia em língua espanhola, como Bravo (2003), argumentam que tais valores não servem para a análise dos fenômenos de cortesia em todas as línguas e culturas.

Associado a isso, outra crítica se refere ao destaque que os autores dão para a face negativa e à visão excessivamente pessimista da interação, na qual os atos de fala são entendidos sempre como ameaças à harmonia das relações sociais. Nesse sentido, contestando a teoria anterior, Kerbrat-Orecchioni (2004) propõe novos olhares, direcionados a uma concepção menos pessimista das relações sociais, e considera que, além dos atos ameaçadores, existem atos valorizantes, que produzem efeitos essencialmente positivos. Com vista ao exposto, a fim de fundamentar a descrição e análise de dados que envolvem o fenômeno da cortesia em língua espanhola, este trabalho propõe, entre outras questões, a retomada das teorias e estudos sobre a cortesia verbal.

A presente pesquisa tem como foco a cortesia verbal, mais especificamente, nos contextos de elogio verificados em cartas destinadas ao maestro mexicano Carlos Chávez no século XX e enviadas de diferentes lugares da América Latina, a saber: Argentina, México, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela. O material base para a análise, denominado

corpus Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez (CICC), é um acervo de documentos em espanhol disponibilizado pelo núcleo [*estudios en*] *Corpus del español escrito con marcas de oralidad* (CEEMO), que, desde 2014, reúne pesquisadores internos e externos à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) interessados na descrição e análise de fenômenos linguísticos e desenvolve estudos com ênfase no par linguístico português e espanhol. O trabalho realizado pelo núcleo CEEMO e o material disponibilizado será apresentado com mais detalhes no capítulo de metodologia.

A cortesia verbal é entendida, a partir de Brown e Levinson (1987) como um conjunto de estratégias linguísticas empregadas para a manutenção da harmonia nas relações sociais diante de atos que podem gerar conflitos e ameaçar a imagem dos interlocutores. Cabe esclarecer que o conceito de imagem, o qual será retomado na seção 2.1.4, se refere ao desejo do interlocutor de ter seus atos aprovados (imagem positiva) e o desejo de ter seu território preservado e ser desimpedido em suas ações (imagem negativa).

O ato de elogio costuma ser associado à cortesia, no entanto, é classificado de formas distintas pelos diferentes autores que abordam esse tema. Nesse sentido, o elogio pode ser entendido como um ato que ameaça a imagem negativa do interlocutor (Brown; Levinson, 1987) ou como um ato valorizante (Kerbrat-Orecchioni, 2004).

Nessa perspectiva, constitui-se como objetivo principal deste estudo debater os usos do elogio na amostra considerada, analisando, por um lado, em que medida o elogio representa uma ameaça para a imagem negativa do interlocutor, como propõe a teoria tradicional de Brown e Levinson (1987) e, por outro lado, acionando discussões que possam dar luz para as manifestações que essa teoria não contempla. Como objetivos específicos, assumem-se:

- (i) descrever as estratégias de cortesia empregadas nos contextos de elogio;
- (ii) examinar os tipos dos elogios representativos da amostra e sua influência para a expressão de ameaça;
- (iii) analisar os contextos que permitem ou impossibilitam a realização do elogio como ameaça no corpus.

Com base nos objetivos arrolados acima, busca-se responder às seguintes questões:

- (i) com que frequência cada estratégia de cortesia é empregada nos contextos de elogio?
- (ii) quais tipos são recorrentes nos elogios das cartas do corpus CICC e como eles influenciam na comunicação de ameaça?
- (iii) como os postulados da teoria de Brown e Levinson se aplicam aos dados do CICC e quais teorias podem atender as demais singularidades que o constituem?

Em relação à pergunta (i), espera-se sistematizar os dados quantitativos sobre as estratégias e as imagens envolvidas nos contextos de elogio para entender as facetas do nosso objeto de estudo e identificar se coincidem com a classificação apresentada por Brown e Levinson. A hipótese é que, se o elogio é uma ameaça à imagem negativa, não se expressará por meio de estratégia aberta sem reparação, dado que, segundo esses autores, essa estratégia comunica um risco mínimo de ameaça. Portanto, o elogio como ameaça à imagem negativa poderia ser expresso por meio de estratégia aberta com ação reparadora do potencial dano (cortesia negativa) ou de forma encoberta, com um enunciado ambíguo que deixa ao destinatário a responsabilidade de interpretar o ato como uma ameaça.

A respeito dos tipos de elogios presentes nas cartas do corpus CICC, tema da questão (ii), deduzimos que alguns deles sejam mais recorrentes, como os referentes à obra/produção ou habilidade artística do maestro, dado o perfil dos participantes relacionado à área musical. No entanto, partimos da ideia de que nem todos os s permitem a realização do ato de elogio como ameaça para a imagem negativa do interlocutor, pois, conforme prevê Reyes López (2014), o perigo é maior quando o elogio é direcionado a um objeto transferível. Nesse sentido, a hipótese é de que um elogio a um objeto/produção, por exemplo, seja entendido como ameaça à imagem negativa; por outro lado, um elogio a uma habilidade impossibilita a sua interpretação como uma ameaça nos termos de Brown e Levinson (1987), já que nesse último caso o interlocutor não corre o risco de perder seu bem.

No que concerne à hipótese (iii), conjectura-se que muitos contextos de realização do elogio na amostra são incompatíveis com a classificação de Brown e Levinson (1987). A hipótese é que a interpretação do elogio nas cartas do CICC não está contemplada na classificação desses autores; pois, em uma análise preliminar decorrente do trabalho de transcrição e revisão dos documentos, encontram-se dados que indicam um papel valorizante dos elogios, em atenção ao desejo de aprovação do interlocutor. Esse papel valorizante é defendido por Kerbrat-Orecchioni (2004), que considera o efeito positivo do elogio como um ato de reforço da imagem.

Com base nessas questões, os dados são analisados tendo em vista principalmente a Teoria da cortesia verbal de Brown e Levinson (1987), que é a mais elaborada, e suas classificações de estratégias e imagens; as elaborações de Austin (1990) e Searle (1976) a respeito dos atos de fala; e a noção de elogio apresentada por Maíz-Arévalo (2020) e Reyes López (2014). A análise considera, ainda, que o elogio está configurado de acordo com as possibilidades do gênero textual em que se manifesta, portanto, leva em conta as observações de Marcuschi (2002), Tin (2005) e Koch e Oesterreicher (2007).

Considerando os propósitos do estudo mencionados nos parágrafos anteriores, os procedimentos metodológicos utilizados são a pesquisa bibliográfica e a análise documental qualitativa e quantitativa. O trabalho de revisão teórica é motivado empiricamente, isto é, realizado a partir de exemplos concretos de elogio em um grupo específico de textos. Portanto, refere-se a um estudo da língua em uso.

Conforme mencionado, a análise toma em consideração uma amostra do corpus CICC/CEEMO composta por cartas recebidas por Carlos Chávez, entre o período de 1936 a 1978. O recorte das cartas que apresentam a expressão de elogio tem como correspondentes pessoas instruídas, em sua maioria, ligadas à área musical.

Com base nessa proposta de pesquisa, a dissertação está estruturalmente organizada em capítulos gerais, divididos em seções específicas. Os capítulos a seguir se referem à fundamentação teórica, metodologia e análise e discussão dos dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais e anexados fac-símiles de cartas.

O capítulo destinado à fundamentação teórica, está composto por duas seções. A primeira seção, denominada *Cortesía verbal e interfaces teóricas*, possui subdivisões internas que dispõem sobre as bases precursoras e os postulados da Teoria da cortesía verbal de Brown e Levinson (1987), além de explicar sobre a conexão da cortesía com o ato de elogio. A segunda seção desse capítulo de fundamentação teórica, intitulada *Gêneros do discurso*, é dedicada à carta como atividade social e manifestação linguística.

Na sequência está a metodologia, a introdução do capítulo situa este estudo dentro do CEEMO e descreve os passos metodológicos da pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo. O capítulo contempla ainda, em três seções, uma apresentação do contexto em que os dados estão inseridos. A seção denominada *O corpus CEEMO/CICC* discorre sobre o material base para a análise com informações sobre a origem dos documentos, a temática das cartas e período em que foram escritas, o perfil dos remetentes e destinatário, a quantidade de cartas etc. A seção intitulada *Amostra* trata do recorte desse corpus para a composição da amostra. Na última seção desse capítulo, denominada *Cartas: estrutura formal e funcional da amostra*, a estrutura das cartas da amostra é esboçada a partir de trechos com dados representativos.

No capítulo de análise, retomamos os objetivos específicos desta pesquisa e desenvolvemos uma discussão sobre o elogio na teoria e na prática. Esse capítulo é composto por três seções que correspondem a cada um dos objetivos específicos. Na primeira, o elogio é explorado com base na via estratégica escolhida para sua formulação. A segunda seção explora os tipos de elogio a partir dos focos em direção aos quais as expressões de aprovação são realizadas (personalidade, objeto, habilidade ou aparência física). A última seção de análise é

dedicada às particularidades dos elogios do corpus CICC. Em cada seção os dados são apresentados e discutidos com base no contexto em que foi formulado.

Tudo isso é retomado nas *Considerações finais*, em que se apresentam os resultados mais significativos e possíveis desdobramentos da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para dar sustentação teórica ao trabalho em questão, este capítulo está organizado em duas seções. A primeira denominada *Cortesia verbal e interfaces teóricas* toma como base principal os seguintes debates: estudos da linguagem precursores da teoria da cortesia (Goffman, 1970; Grice, 1982; Austin, 1990 e Searle, 1976); cortesia verbal (Brown; Levinson, 1987; Kerbrat-Orecchioni, 2004); elogio (Maíz-Arévalo, 2020; Reyes López, 2014). A segunda seção, *Gêneros do discurso*, se serve dos estudos sobre gêneros do discurso (Marcuschi, 2002), texto epistolar (Tin, 2005) e sua manifestação no contínuo entre a expressão escrita e oral (Koch; Oesterreicher, 2007), temas abordados nos tópicos seguintes.

2.1 Cortesia verbal e interfaces teóricas

No início dos anos 1970, o campo de pesquisa de análise das interações começa a se desenvolver, tendo as conversações e outras formas de interações verbais como objetos de investigação sistemática. A reflexão nesse campo é bem variada, considerando que a interação pode ser abordada de múltiplas maneiras. No entanto, essas diversas abordagens compartilham alguns postulados fundamentais, como o entendimento de que o discurso é uma construção coletiva. O estudo da interação é, desde suas origens, uma área transdisciplinar, de interesse para a sociologia, filosofia, etologia entre outras (Kerbrat-Orecchioni, 2006).

Com uma abordagem sociológica, Goffman fortaleceu as investigações sobre as comunicações da vida cotidiana. Esse autor desenvolveu estudos em reação às visões que tratam da transmissão da informação/mensagem de um emissor¹ para um receptor sem levar em conta a reciprocidade característica da comunicação humana (modelo linear). Goffman e outros autores propuseram um modelo “circular” para a comunicação, para o qual importa a possibilidade de o receptor tornar-se emissor e de realimentar a comunicação. Importa ainda a complexidade da comunicação, em que um participante pode, por exemplo, dirigir-se a um determinado destinatário, mas visando ao outro. Nessa perspectiva, a comunicação não é mais entendida como um fenômeno que ocorre em um único sentido, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Nesse sistema, interessa “não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor” (Fiorin, 2010, p. 42).

¹ Ao longo do texto, serão empregados indistintamente os termos emissor/remetente/falante, de um lado, e receptor/destinatário/ouvinte/interlocutor de outro.

Em relação à abordagem filosófica, deve-se considerar as contribuições de John L. Austin e John Searle, com destaque para a noção de *ato de fala*, amplamente adotada pelos modelos interacionistas. Esses autores defendem que “dizer é fazer” (Kerbrat-Orecchioni, 2006). Essa proposta representa um questionamento a um pressuposto filosófico tradicional de que dizer algo é declarar algo, no sentido de que um enunciado está sujeito ao julgamento de verdadeiro ou falso enquanto correspondência do real. Austin distingue dois tipos de afirmações e diz que a linguagem não se reduz à função de descrever um estado de coisas (afirmações constativas), pois tem uma função de agir (afirmações performativas). Portanto, ao falar, o homem é capaz de realizar atos como afirmar, prometer, ordenar, entre outros. No entanto, em muitos casos, esses atos não estão explícitos por marcadores no enunciado, mas expressos indiretamente.

Os trabalhos desses autores, juntamente com os estudos de Paul Grice, contribuíram grandemente para o desenvolvimento da Pragmática, área que estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso. Nesse mesmo sentido, Grice (1982) mostra que, quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos, uma vez que a linguagem comunica mais do que as palavras ou enunciados significam, assim a interpretação só pode ocorrer na situação concreta de comunicação. De acordo com o autor, a comunicação é orientada por um princípio de cooperação, ou seja, as interações são esforços cooperativos em que os participantes reconhecem uma finalidade. Nos enunciados manifestados implicitamente/indiretamente, essa finalidade só é percebida quando se entendem esses implícitos (Fiorin, 2010).

A Pragmática é a disciplina que estuda os atos de fala e se dedica a explicar como os interlocutores são capazes de entender as expressões para além do que elas significam, fazendo inferências para alcançar o sentido dos enunciados, também pode explicar por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de forma direta (por exemplo, para minimizar um ato agressivo). A cortesia linguística é estudada por esse campo teórico, uma vez que sua interpretação deve levar em consideração, além das informações linguísticas, indicações contextuais e situacionais (Fiorin, 2010).

Na sequência, essas abordagens teóricas das interações, que são as bases para a teoria da cortesia verbal proposta por Brown e Levinson, são detalhadas. Nesse sentido, antes de discorrer sobre os postulados da teoria da cortesia, são apresentados os conceitos de face e território de Goffman; o Princípio de Cooperação de Grice e a noção de inferências conversacionais (provocadas por princípios gerais ligados à comunicação; suscitadas pelo contexto), uma vez que a cortesia é uma estratégia conversacional. Além disso, são abordados os tipos de atos da Teoria dos atos de fala proposta por Austin e desenvolvida por Searle.

Relacionado a isso, a teoria da cortesia verbal é apresentada, observando a proposta de Brown e Levinson. Para fechar esta primeira seção da fundamentação teórica, também é discutido sobre as particularidades do ato de elogio, nosso objeto de estudo.

2.1.1 Goffman e os conceitos de face e território

O estudo da interação a partir de uma abordagem sociológica é tema do livro *Ritual de la interacción* de Goffman de 1970, que tem como objeto o conjunto de acontecimentos que se produzem nos encontros e o objetivo de descrever unidades naturais da interação e a estrutura normativa dos comportamentos. Ainda na introdução, o autor deixa claro que defende uma sociologia das ocasiões, para a qual importa o contato entre as pessoas e as tarefas interacionais temporárias que podem resultar dele; e afirma que “o estudo correto da interação não se relaciona com o indivíduo e seu psicológico, mas com as relações sintáticas entre os atos de distintas pessoas mutuamente presentes umas diante das outras” (Goffman, 1970, p. 12, tradução nossa).²

Segundo o autor, toda pessoa vive constantemente em um mundo de contatos e encontros com outros participantes e, em cada uma dessas experiências, tende a seguir o que é chamado de “linha”, isto é, um esquema de atos verbais e não verbais pelos quais expressa sua visão da situação e, por meio dela, sua avaliação dos participantes envolvidos e também de si mesmo. Na prática social, as pessoas sempre assumem posições e seguem uma linha de ações independente de sua intenção de seguir ou não uma linha.

Relacionado a isso, Goffman (1970, p. 13-14) define o conceito de face³ como “o valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente para si a partir da linha que os outros supõem que ela seguiu durante determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados” e está no fluir dos acontecimentos de um encontro [tradução nossa]⁴. Em resumo, o estabelecimento da face depende da maneira como os outros interpretam e qualificam a linha que uma pessoa adota.

² “el estudio correcto de la interacción no se relaciona con el individuo y su psicología, sino más bien con las relaciones sintáticas entre los actos de distintas personas mutuamente presentes las unas ante las otras”.

³ Utilizamos o mesmo termo empregado no original em inglês. Na versão em espanhol, aparece como "cara".

⁴ Do original, em espanhol: “el valor social positivo que una persona reclama efectivamente para sí por medio de la línea que los otros suponen que ha seguido durante determinado contacto. La cara es la imagen de la persona delineada en términos de atributos sociales aprobados”.

De modo geral, o apego de uma pessoa por determinada face e a facilidade com que uma informação pode degradar essa face podem explicar a ideia de encontro como um compromisso. Assim, espera-se que os participantes de uma interação sigam regras de respeito a si mesmos e regras de consideração com os outros, o que leva a pessoa a manter sua própria face e a dos demais. No curso da interação, os participantes negociam suas posições e seguem ao mesmo tempo duas orientações: uma defensiva em que a pessoa busca salvar sua face e uma protetora para salvar a face dos outros.

A face de uma pessoa é algo sagrado, por isso há uma organização expressiva ritual para preservá-la; e as ações de uma pessoa na construção de uma face pretendida envolvem a noção de “trabalho de face”, em que o ser social busca preservar a face ou amenizar acontecimentos que a colocam em perigo. Os participantes de uma interação geralmente aceitam as faces uns dos outros, mas, diante da possibilidade de “perder a face”, a pessoa se sente constrangida ou humilhada (Goffman, 1970).

No âmbito social em que esse debate é delineado, a atividade comunicativa pode ser comparada a uma cena, em que os participantes atuam como atores que interpretam um papel. Goffman propõe uma reflexão sobre a construção social do “eu”, considerado um personagem que vai se definindo no próprio processo comunicativo e a partir dos atos realizados nas trocas com os demais participantes. Nesse sentido, o “eu” é uma construção social que se manifesta a cada encontro, ou seja, há um processo de construção e manutenção de imagens (Calsamiglia; Tusón 2012).

Goffman não menciona apenas o comportamento verbal, mas um conjunto de condutas, como os olhares, os gestos, as posturas, que as pessoas produzem continuamente nas situações de interação, com ou sem intenção. Mas a seleção dos elementos linguísticos é parte fundamental da construção da face, pois marca, reflete e concebe as relações.

Partindo de outra afirmação de Goffman, de que no estudo da interação há um entrelaçamento entre as propriedades rituais das pessoas e as formas egocêntricas da territorialidade, é preciso considerar ainda um outro conceito discutido por esse autor, o de território. Esse conceito, assim como a noção de face, também envolve uma reivindicação. Conforme Goffman destaca no capítulo “Los territorios del yo” do seu livro *Relaciones en público: microestudios del orden público* de 1979, no centro da organização social se encontra o conceito de reivindicação e há um tipo que é crucial: a que se exerce sobre o território.

Para tratar dessa questão da organização social é preciso considerar que, se há uma “reivindicação”, esta se dá sobre um “bem”, ou seja, o direito (de possuir, utilizar, transferir) é requerido sobre um objeto ou estado desejado; também deve haver um “reivindicador”, em

nome de quem se executa a reivindicação. Além disso, a reivindicação pode sofrer um “impedimento” e ser exposta a um perigo por parte de um “autor” que apresenta a ameaça. Tanto o reivindicador quanto o autor e seus representantes são definidos como indivíduos “agentes” das relações sociais.

Todos esses termos em destaque no parágrafo anterior são apresentados por Goffman como um conjunto de definições conectadas, essenciais para o debate a respeito das reivindicações que funcionam como território. Segundo o autor, a organização dos territórios varia: alguns são “fixos”, isto é, definidos geograficamente, como uma casa. Outros territórios são “situacionais”, se colocam à disposição do público em forma de bens reivindicados enquanto são usados, por exemplo, um quarto de hotel. Por último, existem as reservas “egocêntricas”, que se deslocam com o reivindicante, como uma bolsa. Apesar de que as definições delimitem cada tipo de território, essas noções não são tão estritas.

A partir dessa organização, Goffman (1979) exemplifica oito tipos de reivindicação de territorialidade, situacionais ou egocêntricas. A primeira, do “espaço pessoal”, se refere ao espaço ao redor de um indivíduo, em que a entrada de outro faz com que ele se sinta vítima de uma intrusão, levando-o a manifestar desagrado. A segunda é o “recinto”, espaço que os indivíduos podem reivindicar temporariamente. Diferente do espaço pessoal, é possível sair de um recinto temporariamente enquanto se mantém a reivindicação. A terceira é o “espaço de uso”, reivindicado por uma necessidade instrumental, por exemplo uma linha de visão em uma galeria de arte.

Nem sempre as reivindicações que funcionam como território se referem a um espaço físico. Nesse sentido, o “turno” é um outro tipo de reivindicação, relacionado à ordem em que um reivindicador recebe um bem. Goffman também classifica a pele e as roupas que cobrem o corpo como um espaço pessoal possível, além dos objetos pessoais, esses territórios são denominados respectivamente de “invólucro” e “território de posse”. Por fim, o autor apresenta a “reserva de informação”, conjunto de dados sobre si cujo acesso uma pessoa espera controlar (intimidade); e a “reserva de conversa”, direito de um indivíduo a exercer algum controle sobre quem pode chamá-lo para conversar e quando pode chamar, e o direito de um grupo a que seu círculo de conversa esteja protegido da entrada e da escuta de outros (Goffman, 1979).

Uma característica das diversas formas de territorialidade é sua variabilidade determinada socialmente. Em geral, o poder e a posição social de cada indivíduo, por exemplo, podem determinar o controle das fronteiras desses territórios, quanto mais alto o cargo (posição social) que determinado indivíduo ocupa, mais chances tem de ver seu território preservado. Em resumo, nas relações de ordem pública, se reivindica a preservação de territórios materiais

ou simbólicos que, pela natureza das atividades interativas, são possíveis alvos de intromissões de acordo com os contextos e culturas. A infração contra os limites territoriais seria uma ameaça que ocorre quando um indivíduo se intromete na reserva reivindicada por outra pessoa.

Apesar de que esses conceitos discutidos por Goffman tenham sido adaptados por Brown e Levinson na formulação da Teoria da cortesia verbal, servem para explicar de forma mais aprofundada as noções de imagem positiva e imagem negativa, que derivaram dos conceitos de face e território, respectivamente. Nesse sentido, esse debate é útil para os propósitos desta pesquisa, pois, se buscamos analisar em que medida o elogio representa uma ameaça para a imagem negativa do interlocutor, é importante entender, por exemplo, que essa ameaça se fundamenta e está relacionada com o que Goffman evidencia sobre as relações sociais e as reivindicações de territorialidade.

Um ponto relevante em relação a essa reivindicação é a variabilidade socialmente determinada dos limites territoriais. Para a análise proposta com as cartas do corpus CICC, que tem como destinatário das cartas uma autoridade na sua área de atuação e, portanto, uma figura com uma posição social de destaque, deve-se considerar que esse lugar que o receptor da mensagem ocupa pode determinar o controle das fronteiras territoriais e atuar na preservação de seu território.

2.1.2 Grice e o Princípio de Cooperação

De um ponto de vista filosófico, em seu artigo “Lógica e Conversação” de 1982, Grice examina as condições gerais que governam a conversação. O autor explica que os sentidos atribuídos aos enunciados podem ser distintos do que é dito literalmente, isto é, uma interpretação de enunciado que considere as circunstâncias pode ter um sentido diferente da interpretação baseada no significado convencional das palavras. Relacionado a isso, Grice evidencia que a comunicação natural informa também conteúdos implícitos, que podem ser convencionais (determinados por expressões linguísticas) ou conversacionais (desencadeados pelo contexto).

Essas implicaturas conversacionais, segundo Grice (1982), são essencialmente conectadas com traços gerais do discurso. E um desses traços é o fato de que os diálogos não são sequências de observações desconexas, mas esforços cooperativos, cujo propósito é reconhecido, em alguma medida, pelos participantes, ainda que esse propósito não seja

claramente definido ou emerge apenas no decorrer da interação. Partindo dessa aceitação mútua da finalidade ou direção da conversação, os participantes devem selecionar os movimentos conversacionais e excluir, a cada estágio, os que podem ser caracterizados como inadequados.

Posto isto, Grice (1982, p. 86) formula um princípio geral da comunicação: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”, denominado de Princípio da Cooperação. Tal princípio é constituído por quatro categorias: quantidade, qualidade, relação e modo. Essas categorias apresentam algumas máximas correspondentes, as quais podem gerar implicaturas conversacionais.

(i) A categoria de quantidade está relacionada com a quantidade de informação fornecida e a ela pertencem as seguintes máximas: faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido para o propósito da interação; não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido (máxima questionável).

(ii) A categoria de qualidade envolve a ideia de que no discurso o falante deve fazer uma contribuição que seja verdadeira. Nesse sentido, há duas máximas específicas: não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo que você possa fornecer evidência adequada.

(iii) Na categoria da relação, há apenas uma máxima: seja relevante.

(iv) Por fim, na categoria de modo, relacionada com o “como o que é dito é dito”, está a máxima: seja claro (Grice, 1982).

Além das máximas que constituem as quatro categorias apresentadas, Grice afirma ainda que:

Há, naturalmente, toda sorte de outras máximas (de caráter estético, social ou moral), tais como ‘Seja polido’, que são também normalmente observadas pelos participantes de uma conversação, e estas máximas também podem gerar implicaturas não-convencionais (Grice, 1982, p. 88).

Para mostrar a relação entre o Princípio de Cooperação e as máximas, de um lado, e as implicaturas de outro, Grice apresenta alguns exemplos de maneiras que um participante pode deixar de cumprir uma máxima, pois, o que pode gerar uma implicatura conversacional é uma situação em que o falante, sendo capaz de cumprir uma máxima, deixa de cumpri-la. Nesse caso, o ouvinte se depara com a questão: como pode ser reconciliado o fato de o locutor ter dito o que disse com a suposição de que ele está considerando o Princípio de Cooperação? O que pode resolver essa questão é o entendimento de que pode haver informação implícita no enunciado. Assim, embora uma máxima seja violada no nível do que é dito

(convencionalmente), pelo menos o Princípio da Cooperação é observado no nível do que é implícito.

Em síntese, na perspectiva de Grice, a prática conversacional é uma conduta racional regida pelo Princípio de Cooperação. Tal princípio requer que os participantes cooperem com a interação adequando sua contribuição aos propósitos da comunicação. Em alguns casos, essa adequada contribuição não se dá a partir do que foi dito, mas por meio dos conteúdos implícitos transmitidos junto com o que foi dito.

Esse debate é pertinente para um estudo que se propõe analisar estratégias de cortesia verbal, uma vez que o fato de seguir o Princípio de Cooperação ou de gerar implicaturas pela violação de alguma máxima desse princípio são meios estratégicos para a formulação de enunciados. Antecipando um pouco a discussão sobre as estratégias, tema da seção 2.1.4, vale sublinhar que Brown e Levinson assumem como corretos os pressupostos da teoria da implicatura e o quadro de máximas de Grice e servem-se deles para propor um esquema de estratégias por meio das quais os interlocutores comunicam suas mensagens.

A primeira estratégia baseada nas ideias de Grice é a chamada estratégia aberta (ou direta), em que a mensagem é expressa de acordo com as máximas de quantidade, qualidade, relação e modo, sem ambiguidade a fim de alcançar a máxima eficiência. Outra estratégia é a encoberta, em que o enunciado é produzido de forma ambígua, por meio de um desvio dos parâmetros de eficiência comunicativa, o que permite atribuir ao ato mais de uma intenção comunicativa, dando atenção à imagem do destinatário. O elogio, nosso objeto de estudo, teoricamente pode valer-se de qualquer uma dessas estratégias.

2.1.3 Atos de fala

A Teoria dos atos de fala é resultado dos estudos de John L. Austin sobre a natureza da linguagem. Esse filósofo apresenta uma proposta inovadora de análise da linguagem que abre novas perspectivas para esse campo de investigação. No método de análise de Austin, a linguagem não deve ser considerada em abstrato, em sua estrutura formal apenas, isto é, a investigação não deve estar voltada para a análise do significado de determinados termos e expressões linguísticas, mas para a análise do ato de fala, do contexto de uso dessas expressões e da finalidade com que são empregadas.

A visão de Austin considera a linguagem a partir das condições de uso e seu método de análise recorre a exemplos como forma de tornar a reflexão mais concreta. A Teoria dos atos

de fala, que concebe a linguagem como ação e busca estabelecer, classificar e sistematizar os diferentes tipos de atos de fala, toma forma a partir de conferências apresentadas por Austin e reunidas no livro *How to do things with words*⁵, publicado originalmente em 1962.

Austin inicia sua série de conferências afirmando que por muito tempo os filósofos consideraram que a função de um enunciado era descrever um estado de coisas ou relatar algum fato, em termos de verdade ou falsidade. As sentenças eram entendidas, portanto, como equivalentes a declarações. Segundo esse filósofo, apesar de os gramáticos reconhecerem que nem todas as sentenças são usadas para fazer declarações, também não haviam se dedicado especificamente ao tema. Consequentemente, não foi dada a devida atenção aos limites e definições capazes de decidir o que era uma pergunta, uma ordem ou uma declaração.

No entanto, sentenças que antes seriam classificadas como declarações foram reexaminadas pela filosofia e passou-se a verificar que muitos desses enunciados não têm o propósito de registrar informação sobre fatos. A título de exemplo, uma afirmação como “Aceito esta mulher como minha legítima esposa” tem uma função de agir, pois, ao enunciar, o falante está realizando uma ação (de casar), ou seja, proferir a sentença não é descrever o ato, mas fazê-lo. Austin propõe denominar esse tipo de sentença de performativa e observa, ainda, que o proferimento de certas palavras é uma das ocorrências (senão a principal), mas não é o único fator necessário para a realização de um ato, é necessário também que as pessoas e circunstâncias de enunciação sejam apropriadas (Austin, 1990).

Austin chama a atenção para sentenças que têm a aparência ou a forma gramatical de declaração, mas que não podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas. Os exemplos apresentados incluem os atos de casar e apostar, em que dizer algo é fazer algo. No decorrer das conferências, a questão das circunstâncias adequadas é retomada para explicar que além de dizer as palavras performativas, outras coisas devem ocorrer de forma adequada para a realização, com êxito, da ação, caso contrário o ato pode não se concretizar, o que seria chamado de infelicidade. Além disso, o funcionamento de um proferimento performativo será infeliz, por exemplo, se os participantes não estão em posição de realizar o ato, seja porque já estão casadas ou porque quem realizou a cerimônia de casamento foi um convidado e não um padre, que é uma figura convencionalmente aceita.

A fim de entender em quantos sentidos dizer algo é fazer algo, Austin distingue três grupos de atos que consistem na realização de ações: locucionários, ilocucionários e

⁵ Traduzido para o português como *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Esse livro é uma obra póstuma organizada a partir de conferências proferidas por Austin na Universidade de Harvard em 1955.

perlocucionários. E começa por classificar esse “dizer algo”, que chama de realização de um *ato locucionário*.

O ato locucionário equivale a proferir determinada sentença, com determinado sentido e referência.

O *ato ilocucionário* se refere a proferimentos que têm uma certa força convencional (marcada na linguagem), por exemplo, determinadas palavras têm a força de uma pergunta.

Por fim, o *ato perlocucionário* envolve o fato de que dizer algo pode produzir certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos ou ações dos participantes.

Nesse sentido, o ato ilocucionário, com o qual Austin se ocupa primordialmente, é a realização de um ato *ao* dizer algo, em oposição à realização de um ato *de* dizer algo (locucionário). Já o ato perlocucionário consiste em se obter certos efeitos *por* dizer algo. Desse modo, verbos como argumentar, informar, ordenar, prevenir e avisar indicam um ato ilocucionário, pois “ao dizer tal coisa eu o estava prevenindo”, enquanto os verbos como convencer, persuadir, confundir indicam atos perlocucionários, uma vez que “por dizer tal coisa eu o convenci”. Assim, é possível dizer “Argumento que”, mas não “Eu convenço você que”, pois o convencer é uma consequência, um efeito de argumentar (Austin, 1990).

Austin se refere aos diferentes tipos de função da linguagem como “forças ilocucionárias” e cria uma lista com cinco classes de verbos de acordo com sua força. A primeira é a classe dos *veriditivos*, esses atos caracterizam-se por dar um veredito, por exemplo, absolvo, determino, classifico etc. A segunda classe é a dos proferimentos *exercitivos*, que consistem no exercício de poderes, direito ou influências. Por exemplo: ordeno, aconselho, nomeio. A terceira é a classe dos atos *comissivos*, que caracterizam-se por prometer ou assumir algo, incluindo também anúncios de intenção. Alguns exemplos são: pretendo, planejo, defendo. A quarta classe, dos proferimentos *comportamentais*, constituem um grupo heterogêneo e tem a ver com atitudes e comportamentos sociais como pedir desculpas, felicitar, elogiar, dar os pêsames etc. Por fim, os atos *expositivos* estão relacionados com o modo como os proferimentos se encaixam no curso de uma conversa, são eles: contesto, argumento, exemplifico etc.

O esforço desse filósofo se dirige à explicação de que “a ocasião de um proferimento tem enorme importância, e que as palavras utilizadas têm de ser até certo ponto ‘explicadas’ pelo ‘contexto’ em que devem estar ou em que foram realmente faladas numa troca linguística.” (AUSTIN, 1990, p. 89). O interesse de Austin nas conferências está voltado para o ato ilocucionário, justamente por ser um ato até então negligenciado, uma vez que os estudos estavam inclinados à explicação do significado das palavras (ato locucionário). No entanto, a dificuldade de estabelecer critérios para a classificação de atos ilocucionários foi um dos

principais problemas enfrentados no desenvolvimento da Teoria dos atos de fala. O próprio Austin afirma que não está totalmente satisfeito com essa classificação e, portanto, não está propondo nada definitivo.

Essa proposta de Austin foi retomada por diversos pesquisadores, com destaque para o trabalho de seu aluno John Searle. Este filósofo da linguagem seguiu a linha de investigação de Austin, ampliando o debate e reformulando alguns aspectos. Em seu livro *Speech Acts: an essay on the philosophy of language* de 1969⁶, que reúne os principais desdobramentos da Teoria dos atos de fala, Searle segue desenvolvendo reflexões sobre a identificação entre linguagem e ação, ou seja, sobre o uso da linguagem na comunicação e as condições necessárias para a realização bem-sucedida dos atos de fala.

De acordo com seus propósitos e os caminhos que pretende percorrer para apresentar sua proposta, Searle divide os atos de fala em: *atos de emissão*, que consistem simplesmente em emitir sequências de palavras; *atos proposicionais*, que correspondem ao conteúdo comunicado por um enunciado ao referir (o falante se refere a algo ou alguém) e predicar (o que se afirma do objeto referido); *atos ilocucionários*, como já foi exposto anteriormente por Austin, que englobam as ações de perguntar, mandar, prometer entre outros. Nesse ato ilocucionário, o falante pode manifestar uma intenção seguindo uma convenção para que o ouvinte alcance a compreensão do que foi dito. Searle propõe essa nova distinção entre atos de linguagem sem deixar de considerar e reconhecer a noção austiniana de ato perlocucionário (Searle, 1994).

Searle parte da ideia de que falar é participar de uma atividade governada por regras, isto é, falar consiste em realizar atos de acordo com um sistema de regras. Nesse sentido, afirma que a “forma que tomará tal hipótese é que a estrutura semântica de uma língua é uma realização convencional” (Searle, 1994, p. 46, tradução nossa⁷), portanto, o significado de cada ato de fala é convencionalmente associado a uma determinada estrutura linguística. Em vista disso, não é qualquer enunciado que pode expressar uma intenção apropriada, já que aquilo que o falante quer dizer deve estar relacionado com o que o enunciado significa na língua empregada para que o ouvinte alcance reconhecer essa intenção.

Para sustentar sua hipótese, Searle identifica as condições necessárias e suficientes para a realização exitosa de um ato ilocucionário e extrai dessas condições um conjunto de regras

⁶ Livro consultado na versão em espanhol de 1994, traduzido como *Actos de habla: ensayo de filosofía del lenguaje*.

⁷ “forma que tomará esta hipótesis es que la estructura semántica de un lenguaje es una realización convencional”.

que regulam o uso dos elementos linguísticos e a realização de certos atos de fala. Ele dedica um capítulo à estrutura dos atos ilocucionários, no qual considera o ato de prometer como amostra de análise, mas almeja oferecer um modelo mais geral de indicador de força ilocucionária, por isso sinaliza a extensão de análise e afirma que pode ser empregada para entender outros tipos de atos de fala. As condições apresentadas para a realização de uma promessa são as seguintes:

1. Condições normais de input (compreensão) e output (falar inteligivelmente).
2. Falante expressa a proposição de que promete ao emitir uma oração.
3. Ao falar que promete, o falante predica um ato futuro do falante (condição proposicional).
4. Ouvinte prefere que falante faça a ação e falante sabe disso (condição preparatória).
5. Não é óbvio que o falante faria a ação no curso normal dos acontecimentos (condição preparatória).
6. Falante tem a intenção de fazer a ação (condição de promessa sincera).
7. Falante tenta que a emissão da oração o coloque na obrigação de fazer a ação (condição essencial).
8. O falante tenta produzir no ouvinte o conhecimento de que a emissão coloca o falante em uma obrigação.
9. Em virtude das regras semânticas da língua usada por falante e ouvinte, se a oração se emite de forma correta se dão as condições anteriores.

A partir dessas condições, as regras identificadas são: de conteúdo proposicional; regras preparatórias; regra de sinceridade e regra essencial. Vale destacar que as regras preparatórias estão relacionadas com o que o falante implica ao realizar o ato, por exemplo, quando agradece, implica que o motivo do agradecimento é entendido como um benefício. As regras de sinceridade estão relacionadas à expressão de estados psicológicos como crenças, intenções ou desejos, portanto, uma promessa, por exemplo, deve ser sincera no sentido de que, pelo menos linguisticamente, não se pode dizer “prometo algo, mas não tenho intenção de realizá-lo”. Já as regras essenciais dizem respeito ao propósito do ato, por exemplo, uma ordem e um pedido têm o mesmo propósito, pois ambos contam como uma tentativa de levar o ouvinte a fazer algo.

Outro ponto desenvolvido por Searle a partir da proposta de Austin diz respeito à classificação dos atos ilocucionários. Como mencionado anteriormente, o próprio Austin não estava totalmente satisfeito com sua classificação. Searle (1976), observando que as cinco categorias foram propostas provisoriamente mais como uma base para discussão que resultados estabelecidos, busca verificar quais aspectos apresentados por Austin são adequados e quais

precisam ser reformulados. A debilidade mais importante identificada é o fato de que não existe um princípio claro e consistente de classificação que sirva de base para definir cada categoria. Portanto, para sistematizar e classificar os atos ilocucionários, Searle se dedica primeiro a estabelecer critérios para distinguir uma classe de atos de outra.

A primeira contribuição de Searle em seu artigo “A Taxonomy of Illocutionary Acts”⁸ é a identificação de três dimensões de diferenças — propósito ilocucionário, direção de ajuste e condição de sinceridade — que considera as mais importantes, sobre as quais constrói a maior parte de sua classificação dos atos ilocucionários. No entanto, sinaliza que há outras dimensões que devem ser levadas em consideração, por exemplo, as diferenças de intensidade com que se apresenta um mesmo propósito (sugiro x insisto); de condições preparatórias de posição social dos participantes e maneira com que a emissão se relaciona com os interesses dos participantes; de relação da emissão com o resto do discurso, entre outras.

Dessas três dimensões principais, o propósito é o mais importante elemento entre os que indicam a força ilocutória e se refere, por exemplo, ao fato de que uma descrição é uma representação de como é algo e uma pergunta é uma tentativa de obter uma informação. Uma segunda dimensão é uma consequência do propósito e diz respeito à direção de ajuste entre as palavras/conteúdo do enunciado e o mundo, por exemplo, a palavra se ajusta ao mundo em uma explicação, enquanto o mundo se ajusta à palavra em uma promessa. A terceira diferença é entre os estados psicológicos expressados, por exemplo, uma pessoa que afirma algo expressa que acredita nisso, uma pessoa que faz uma ameaça está expressando uma intenção e assim por diante. Há outros estados que podem ser expressos como desejos e sentimentos e isso envolve a condição de sinceridade na realização do ato ilocucionário (Searle, 1976).

Depois de definir critérios de classificação, Searle apresenta sua alternativa da seguinte maneira: *representativos* descrevem algum estado de coisas, o propósito dos atos dessa classe é comprometer o falante com a veracidade da proposição com um ajuste da palavra ao mundo e expressão de crença; *diretivos* são tentativas do falante de levar o ouvinte a fazer algo e expressam um desejo que tem como consequência um ajuste do mundo à palavra como é o caso de uma ordem ou pedido; *comissivos* têm o objetivo de comprometer o próprio falante em alguma ação futura (definição compatível com a de Austin) e expressam uma intenção com uma direção de ajuste do mundo à palavra, por exemplo, uma promessa; expressam estados psicológicos como agradecer, desculpar-se, etc.; por fim, as *declarações* são enunciados que alteram um estado de coisas, batizar é um exemplo dessa classe (Searle, 1976).

⁸ Artigo consultado na versão em espanhol de 1976, traduzido como “Una taxonomía de los actos ilocucionarios”.

Esse debate sobre os atos de fala é relevante para esta pesquisa, principalmente, porque fornece as bases estruturais dos atos ilocucionários e uma amostra de análise do ato de prometer indicando que pode ser empregada para entender outros tipos de atos de fala. Isso permitiu a extensão das regras de conteúdo proposicional, regras preparatórias, regra de sinceridade e regra essencial para a caracterização do ato de elogio. Para este estudo, nos servimos da caracterização do elogio proposta por Reyes López (2014), elaborada com base no exemplo do ato de prometer, detalhada na seção 2.1.5.

2.1.4 Teoria da cortesia verbal

O trabalho de Brown e Levinson, *Politeness: some universals in language usage* (1987), é o modelo teórico mais elaborado sobre a cortesia verbal. Esse estudo se fundamenta em perspectivas apresentadas nas seções anteriores, pois tem como base as formulações sobre implicatura conversacional e o quadro de máximas do Princípio de Cooperação de Grice, além das noções de face e território relacionadas às normas de comportamento social discutidas por Goffman (1970) ao tratar dos encontros, denominadas nesta teoria da cortesia de imagem positiva e imagem negativa respectivamente. Esses conceitos não receberam apenas uma nova terminologia, mas foram adaptados e incorporados à proposta.

Brown e Levinson (1987) acreditam que os padrões de construção das mensagens são parte da expressão das relações sociais e partem da ideia de que o ser social é constituído por duas imagens públicas com as quais se apresenta nas interações verbais. A noção de imagem, nessa perspectiva, envolve duas classes de desejos que os interlocutores se atribuem mutuamente em uma comunicação: o desejo de ser aceito, de ter seus atos aprovados (imagem positiva) e o desejo de liberdade de ação (imagem negativa). Para a teoria da cortesia, pelo menos quatro imagens estão presentes na atividade verbal, duas imagens do interlocutor e duas do locutor.

Uma vez que a imagem consiste em um conjunto de desejos que só podem ser satisfeitos pelas ações de outros, em geral, é de interesse mútuo entre os participantes da interação preservar suas próprias imagens e as dos outros. Como agentes racionais, no sentido de que escolhem meios que satisfaçam seus fins, os interlocutores procuram preservar suas faces e pesam os diferentes meios até escolher aquele que mais satisfaça os objetivos desejados, seja evitando atos ameaçadores ou empregando certas estratégias para minimizar a ameaça. Essas estratégias são as bases do comportamento cortês e abarcam dois tipos de procedimentos de

cortesia com fins comunicativos específicos relacionados às imagens: a cortesia positiva e a negativa.

Durante a atividade verbal, entendida nessa teoria como potencialmente conflitiva, é possível que alguns atos afetem a imagem, são os “Atos ameaçadores da imagem” (*Face Threatening Acts* – FTAs), diante dos quais, os falantes podem valer-se da cortesia, isto é, se um enunciado representar um risco à imagem do interlocutor, existe a possibilidade de assegurar a harmonia comunicativa por meio de um conjunto de estratégias, ou a situação pode apresentar razões que justifiquem sua suspensão, por exemplo, situação de familiaridade, de urgência ou quando há clara intenção de agressão.

Considerando a imagem e a racionalidade como princípios universais da interação, Brown e Levinson (1987) apresentam alguns atos de fala que se constituem como inerentemente ameaçadores, ou seja, atos que são por natureza contrários aos desejos de imagem do destinatário e/ou do próprio falante, os já mencionados FTAs. Tais atos podem, por um lado, ameaçar a imagem negativa, a positiva ou ambas e, por outro lado, ameaçar a face do emissor ou do destinatário. Isso pode ser sistematizado de forma resumida da seguinte maneira:

- (i) Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor
 - (a) ordens e pedidos, pois indicam que o emissor pretende interferir na liberdade de ação do destinatário ao expressar que quer que ele faça algo;
 - (b) elogios, expressões de inveja ou admiração, pois indicam que o emissor gostaria de ter algo do destinatário, dando razão para o destinatário pensar que deve tomar medidas para proteger ou entregar ao falante o objeto do desejo.
- (ii) Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor
 - (a) crítica e insulto, pois indicam que o emissor não aprova uma ação/característica do destinatário.
- (iii) Atos que ameaçam a face negativa do emissor
 - (a) agradecimento; pois aceitar uma dívida humilha a própria imagem;
 - (b) promessa e oferta de má vontade, pois comprometem a própria liberdade de ação.
- (iv) Atos que ameaçam a face positiva do emissor
 - (a) pedido de desculpa, pois degrada a própria imagem;
 - (b) confissão de culpa, pois reconhece e desaprova o próprio ato.

Os autores comentam que pode haver uma sobreposição de ameaças, já que alguns atos põem em risco intrinsecamente tanto a face negativa quanto a face positiva (por exemplo, reclamações, ameaças etc.).

Diante desses tipos de atos ameaçadores, a imagem dos participantes pode estar em perigo e eles têm a opção de negociar, minimizando ou reparando a ameaça, ou ainda enfrentar um conflito. Os FTAs se distribuem em graus de agressividade, o que pode variar de uma sociedade para outra e faz com que o emprego adequado das estratégias dependa de que os participantes compartilhem os mesmos valores sociais. Vale destacar ainda que as fórmulas de cortesia verbal devem ser adequadas às situações para cumprir com seus objetivos comunicativos, pois é o contexto que permite interpretar se um enunciado é mais ou menos agressivo e se a cortesia, portanto, se faz pertinente ou não (Moreno Fernández, 2009).

No contexto de vulnerabilidade da imagem pública e interesse mútuo de preservá-la, Brown e Levinson (1987) sistematizam um conjunto de estratégias que atuam na interação: estratégia aberta sem correção, estratégia aberta com correção positiva, estratégia aberta com correção negativa, estratégia encoberta e estratégia de não fazer o FTA. Esses cinco meios pelos quais os interlocutores podem formular suas mensagens são detalhados a seguir:

(i) A estratégia aberta, em que a mensagem é formulada de forma direta, clara e sem ambiguidade. Pode ser explicada como estratégia que busca alcançar a máxima eficiência na comunicação, em conformidade com as máximas de quantidade, qualidade, relação e modo defendidas por Grice (1975). Nesse sentido, o enunciado é expresso sem reparação. As vantagens dessa estratégia incluem a intenção de evitar mal-entendidos e o crédito pela honestidade.

Essa estratégia é usada quando o risco de o ato ameaçar a imagem é mínimo. Ela também pode ser usada para fazer um FTA quando o interesse pela eficiência da comunicação é maior que o interesse por satisfazer os desejos de imagem dos interlocutores envolvidos. Os motivos para priorizar a eficiência e não reparar a ameaça são: situação de familiaridade; casos de urgência, em que a situação é de conhecimento do emissor e do receptor, o que justifica a ausência de atenção à imagem; casos em que a relação de poder é assimétrica e o emissor é quem está em uma posição superior e não expressa cuidado com a imagem do interlocutor, pois não teme a não cooperação do receptor.

(ii) A estratégia aberta com reparação dirigida à imagem positiva do destinatário é usada para atender ao seu desejo de aprovação do interlocutor. Na correção, o emissor comunica que seus próprios desejos são semelhantes aos do destinatário, buscando intimidade/aproximação com o destinatário por meio da expressão desses desejos em comum. Por isso, essa estratégia não é necessariamente reparadora de um ato ameaçador, mas pode consistir simplesmente em um acelerador social.

As estratégias de cortesia positiva envolvem a afirmação do falante de que partilha os mesmos desejos/objetivos que o interlocutor, indicando que algum desejo do interlocutor é admirável ou interessante para ele também; ou destacando o pertencimento em comum a um grupo. Exagerar no interesse e simpatia pelo destinatário e utilizar marcadores de identidade do grupo são exemplos de estratégias de cortesia positiva que podem ser ilustradas respectivamente pelos seguintes recortes das cartas da amostra:

(1) *Veo que usted sigue con su **maravillosa e incansable actividad** [...] (CEEMO/CICC/VE/M3/CP12)*

(2) *Perdone **Vd., querido amigo**, por estas orientaciones [...] (CEEMO/CICC/PR/H1/CP119)*

Em (1), o remetente expressa sua aprovação em relação ao destinatário de forma acentuada ao destacar a “maravilhosa” e “incansável” atividade deste. Em (2), ao utilizar a expressão “querido amigo”, o remetente transmite a ideia de que ambos pertencem a um mesmo grupo, o que pode ser usado para suavizar FTAs.

(iii) A estratégia aberta com reparação da imagem negativa do destinatário, usada para indicar atenção ao desejo de liberdade de ação dos participantes, é específica e direcionada a minimizar uma imposição, isto é, a cortesia negativa é necessariamente reparadora de uma ameaça causada pelo FTA. Algumas estratégias de cortesia negativa expostas por Brown e Levinson (1987) são: ser pessimista (subjuntivo pode estar relacionado a essa atenção à imagem negativa), minimizar a imposição, pedir desculpas. Elas podem ser exemplificadas pelos seguintes trechos das cartas de Chávez:

(3) ***Sería usted tan amable** que me hiciera llegar el programa de su temporada de este año así como cualquier otro evento importante que se proyecte para un futuro cercano? (CEEMO/CICC/DO/M1/CP53)*

(4) *Gracias infinitas por el envío de las fotografías, lo mismo nos interesarían las partituras, **pero no tenga prisa.** (CEEMO/CICC/DO/M2/CP70)*

(5) *Esperando poder verlo nuevamente así como tener sus noticias **cada vez que su ocupado tiempo se lo permita** [...] (CEEMO/CICC/DO/M3/CP74)*

Nesses dados, é possível observar o uso da estratégia de cortesia aberta com reparação da imagem negativa do destinatário para corrigir as ameaças causadas pelos pedidos. Na reparação, os remetentes expressam que reconhecem os desejos do destinatário e que pretendem manter as reivindicações de território ou interferir minimamente na sua liberdade de ação.

(iv) A estratégia encoberta é realizada de forma que não permite atribuir ao ato apenas uma intenção comunicativa clara. Nesse modo de realização linguística, o emissor tem a possibilidade de não se responsabilizar pela ameaça que seus atos podem produzir, o que reduz o risco de a mensagem ameaçar a imagem do interlocutor. Isso porque, ao produzir um enunciado ambíguo e fornecer uma série de interpretações possíveis, ele deixa ao interlocutor a tarefa de interpretá-lo.

Segundo a autora Reyes López (2014, p. 15), desde que o filósofo da linguagem Grice, em 1975, “hizo ver que la conversación es una actividad racional, quedó sobre la mesa la cuestión de qué es lo que hace que la conversación se desvíe de los parámetros de la eficiencia racional en la transmisión de información”. De acordo com a autora, Brown e Levinson (1987), explicaram esse problema, quando:

deixaram claro que, para além da informação transmitida com uma mensagem, em cada encontro interpessoal é necessário comunicar que se atende à imagem pública; ou seja, as considerações de cortesia (atenção e elaboração em torno da imagem pública) são uma razão fundamental para se desviar da eficiência racional na transmissão de informação. (Reyes López, 2014, p. 16).⁹

Em resumo, o emissor pode desviar-se da eficiência racional da informação e violar as Máximas conversacionais de Grice para comunicar atenção à imagem do destinatário, uma vez que pode fazer um FTA sem se comprometer com a ameaça. Nesse tipo de enunciado, o emissor deve dar algumas dicas e esperar que o destinatário interprete o que ele pretende dizer. Por exemplo, se o emissor infringe alguma Máxima, o destinatário é convidado a fazer alguma inferência para a construção do significado. Brown e Levinson (1987) explicam que, se o falante diz algo que não é relevante para a situação, ele motiva o interlocutor a buscar o motivo do desvio.

(v) Não fazer o ato ameaçador da imagem. Nessa última opção estratégica para lidar com os FTAs, o falante simplesmente evita ameaçar o destinatário. Essa estratégia é ignorada no debate sobre as estratégias de cortesia dado que não existem reflexos linguísticos relacionados, de todas as formas pode ser uma estratégia selecionada durante o trabalho de imagens da interação verbal.

⁹ Do original em español: “hicieron ver que además de la información transmitida con un mensaje, en cada encuentro interpersonal es necesario comunicar que se está atendiendo a la imagen pública; es decir, las consideraciones de cortésia (atención y elaboración en torno a la imagen pública) son una razón fundamental para desviarse de la eficiencia racional en la transmisión de información”.

Essas cinco opções possíveis de lidar com os atos ameaçadores da imagem — estratégia aberta sem correção, com correção positiva e negativa, estratégia encoberta e opção de não fazer FTA — podem ser resumidas no seguinte quadro:

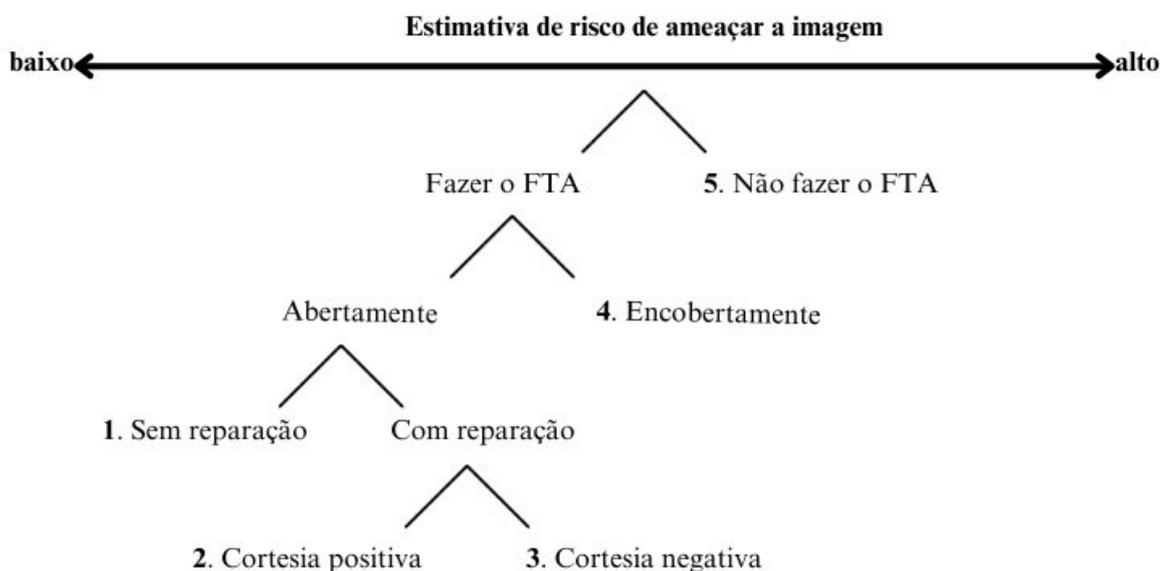
Quadro 1: Estratégias comunicativas

ABERTA OU DIRETA (COMUNICAR SEM AMBIGUIDADE)	SEM CORREÇÃO	PRIORIZAR A EFICIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO
	COM CORTESIA POSITIVA	DEMONSTRAR INTERESSES EM COMUM COM O INTERLOCUTOR
	COM CORTESIA NEGATIVA	MINIMIZAR IMPOSIÇÃO
ENCOBERTA (ATO CONTEXTUALMENTE AMBÍGUO)		EVITAR RESPONSABILIDADE PELO ATO
NÃO FAZER FTA		EVITAR AMEÇA À IMAGEM DO INTERLOCUTOR

Fonte: autoria própria.

Essas estratégias atendem a um contínuo de perigo do FTA, ou seja, desde um ato que ativa uma estratégia aberta em que o risco de ameaçar a imagem é mínimo; passando por estratégias que incluem a possibilidade de reparação, que busca neutralizar o potencial dano do FTA à imagem para indicar que nenhuma ameaça é pretendida; até chegar na estratégia que permite ao falante eximir-se da responsabilidade de impor o FTA ao interlocutor, já que é o próprio destinatário que deve optar por interpretar o ato como uma ameaça. Por fim, no extremo de perigo, o falante pode optar por não realizar o FTA (Brown; Levinson, 1987). Essa ordem de estratégias de acordo com o perigo do FTA pode ser esquematizada da seguinte maneira:

Figura 1: Estratégias e estimativa de risco para a imagem



Fonte: Adaptado de Brown e Levinson, 1987, p. 60.

As discussões sobre a cortesia verbal de Brown e Levinson destacam três fatores que devem ser levados em consideração na hora da seleção das estratégias: a relação de poder entre os interlocutores (P), a distância social (D) e a gravidade do ato ameaçador (R). Para determinar a relação hierárquica, que caracteriza a interação entre superior e inferior (entre avô e neto, chefe e subordinado, professora e aluno), deve-se considerar diferenças como idade, classe social, conhecimentos etc. Por outro lado, para medir o grau de distância ou proximidade entre as pessoas que interagem, deve-se levar em conta o conhecimento mútuo, a relação afetiva que estabelecem e a situação. Neste caso, as relações se dão no plano da igualdade, entre participantes com um mesmo status (colegas, sócios, presidentes) (Calsamiglia; Tusón, 2012).

Durante a interação, de acordo com o modelo de Brown e Levinson, o falante calcula o risco associado a realizar um determinado ato de fala. Levando em consideração, por exemplo, o fato de que, conforme o poder do falante sobre o destinatário aumenta, o peso do FTA diminui. Com tudo isso, o falante escolherá a estratégia apropriada dependendo do risco envolvido, observando a eficácia informativa e a manutenção da harmonia da interação.

A teoria da cortesia proposta por Brown e Levinson (1987) é, por um lado, o modelo que recebeu maior reconhecimento e destaque; por outro, é também alvo de críticas. Entre as críticas está a visão excessivamente pessimista da interação, que focaliza os atos potencialmente ameaçadores para a imagem. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 80-81) retoma a teoria desses autores, para a qual a cortesia “aparece como um meio de conciliar o mútuo desejo de

preservação das faces, com o fato de que a maioria dos atos de fala são potencialmente ameaçadores para uma dessas faces” e propõe um aperfeiçoamento do modelo.

A autora não compartilha a compreensão da relação social de Brown e Levinson, que se dá sobre uma base conflituosa, e sugere que se considere os atos essencialmente valorizantes, isto é, atos de reforço da imagem, que não atuam na reparação de um possível dano, mas que produzem efeitos essencialmente positivos, como o elogio, o agradecimento e as felicitações.

2.1.5 O ato do elogio

Partindo da identificação de diferentes entendimentos a respeito da cortesia e dos atos de fala, constata-se que o contexto de elogio transita por diferentes interpretações. Primeiro, na proposta de Brown e Levinson (1987), os elogios são classificados como atos que ameaçam a face negativa do interlocutor, pois indicam que o emissor gostaria de ter algo do destinatário, motivando este a tomar medidas para proteger o objeto ou entregá-lo. Segundo, é considerado como produção essencialmente valorizante por Kerbrat-Orecchioni (2006).

Assim como o elogio, outros atos também podem ser compreendidos de diferentes formas se considerada a teoria de Brown e Levinson (1987) e propostas reformuladas desse modelo. Por exemplo, pode-se mencionar o agradecimento, já apontado anteriormente como um ato que ameaça a face negativa do emissor ou como um ato valorizante. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 132) define o agradecimento como o ato que consiste em “acusar a recepção de um presente e em exprimir seu reconhecimento ao responsável pela oferta”. Segundo a autora, o agradecimento pode se realizar explícita ou implicitamente. As realizações implícitas estão atravessadas pelo elogio ao bem ofertado ou ao doador.

Segundo Maíz-Arévalo (2020), os elogios são atos de fala expressivos a partir dos quais o falante enuncia uma avaliação positiva ou admiração para com o ouvinte. Essa aprovação em relação ao ouvinte pode ser associada a um aspecto físico (elogio à aparência), a algo que o ouvinte possui (material ou atributo moral), a uma habilidade ou qualidade etc. Para a autora, apesar da aparente simplicidade dessa atividade comum da vida cotidiana, fazer um elogio nem sempre é uma tarefa fácil, pois envolve uma série de fatores que devem ser levados em conta, como a relação entre os participantes e o objeto do elogio. Dessa forma, se um conjunto de fatores não for observado, o que era para ser uma expressão de cortesia pode ser interpretado como ofensa, portanto, esse ato é mais complexo do que faz parecer.

Maíz-Arévalo (2020) distingue dois tipos de elogio, os explícitos e os implícitos. Os explícitos são atos de elogio que expressam diretamente a aprovação e admiração do falante em relação ao ouvinte e costumam seguir fórmulas léxico-sintáticas características e convencionais que permitem o fácil reconhecimento do ato como elogio. Em espanhol, de acordo com a autora, há três fórmulas principais, que admitem variação: (a) a oração exclamativa, que pode ser expressa com o uso de um adjetivo, um advérbio ou substantivo, como em “*¡Qué falda más bonita llevas hoy!*”; (b) verbo copulativo (ser ou estar) seguido de um adjetivo positivo, por exemplo “*Estás guapísima.*”; (c) uso de verbos como “*encantar*” seguido do objeto admirado em orações afirmativas, como em “*Me encanta esa camisa.*”. Na atividade comunicativa, os falantes ainda podem combinar as diferentes opções de fórmulas.

Já os elogios implícitos são aqueles em que o ouvinte precisa inferir o valor de elogio do enunciado a partir do contexto. Maíz-Arévalo (2020) apresenta exemplos de elogio implícito, como é o caso de “*Oye, lo dicho, que me alegro mucho de lo de tu boda. Tu prometido es un hombre muy afortunado.*”, em que a ouvinte precisa inferir o elogio recebido de que é uma grande mulher e por isso seu noivo é um homem de sorte. Apesar de os implícitos apresentarem uma variedade maior de formas, também seguem certas convenções, como direcionar o elogio a uma terceira pessoa relacionada ao ouvinte ou elogiar por meio de comparações. Nesse tipo de enunciado, o falante implica informações extras que o ouvinte deve interpretar e justamente por esse caráter indireto, há casos em que o uso do elogio implícito pode dar espaço a mal-entendidos.

Dentre as funções do elogio a principal é estabelecer relações atendendo ao desejo do interlocutor de ser apreciado/aprovado. No entanto, os elogios também podem acompanhar outros atos de fala, normalmente ameaçadores para a face como o pedido, para atenuar a imposição ou intromissão que tal ato pode sugerir, suavizando o possível dano causado. Além de acompanhantes, os elogios podem funcionar como substitutos de outros atos, que ficam implícitos. Por exemplo, em uma situação em que uma pessoa é convidada para um almoço e, ao se despedir, expressa que “*A massa estava ótima!*”, não há um ato explícito de agradecimento, mas o elogio pode ser interpretado como um agradecimento, ou seja, há um ato implícito substituído pelo emprego do elogio (Maíz-Arévalo, 2020).

Reyes López (2014) afirma que, nos estudos sobre o elogio, prevalece uma noção intuitiva que podemos ter desse ato, geralmente entendido como expressão de uma valoração positiva de um falante sobre algo que o interlocutor é, faz ou tem, comunicando atenção a sua imagem positiva. Por considerar a necessidade de uma noção mais precisa sobre os limites do elogio, a autora oferece uma definição técnica desse ato apoiada na proposta de Searle

(abordada anteriormente), fazendo um paralelo entre o ato de elogio e as condições de realização de um ato de promessa, ato oferecido por Searle como exemplo.

Antes de apresentar sua caracterização, a autora informa que considera o elogio em uma conversa cara a cara, de forma direta e informal, isso porque pretende distinguir o ato de elogio denominado em espanhol de “*cumplido*” de outros atos vizinhos, que por vezes não tem uma distinção clara, como os atos de “*halagar*”, “*elogiar*” e “*piropear*”. A respeito desses termos, sinaliza que “*elogiar*”, “*exaltar*” são atos que geralmente ocorrem em um contexto formal, não em uma interação cotidiana; além disso, o “*cumplido*” seria uma expressão de aprovação do falante ao interlocutor, enquanto o “*elogio*” expressa uma aprovação não necessariamente dirigida ao interlocutor, mas a uma terceira pessoa. Em relação ao “*piropear*”, a diferença é mais nítida, pois pode envolver uma situação de rua, na qual não há uma interação, mas uma enunciação que está entre o elogio e o assédio (Reyes López, 2014).

Em vista disso, as condições de adequação de um elogio apresentadas são as seguintes:

1. Condição de conteúdo proposicional: ao expressar *p*, o falante comunica uma avaliação positiva explícita sobre algo em relação ao ouvinte.

2. Condições preparatórias: a) os falantes estão em uma conversa cara a cara, em um contexto informal; b) o falante acredita que o ouvinte valoriza o fato de o falante expressar *p*; c) não é óbvio para o ouvinte ou para o falante que o falante expressará *p* espontaneamente no decurso normal dos acontecimentos.

3. Condição de sinceridade: o falante valoriza positivamente algo relativo ao ouvinte e expressa isso.

4. Condição essencial: Expressar *p* conta como um elogio do falante ao ouvinte.

Para além dessa primeira caracterização do elogio e demarcação de limites com outros atos, Reyes incorpora em sua definição aspectos relacionados às expectativas sociais sobre os atributos acerca dos quais é adequado expressar uma valoração positiva. E sua caracterização do ato de elogio, que nos servirá de base para a identificação de elogios diretos neste estudo, é a seguinte:

Um emissor, em uma conversa cara a cara, de forma direta e informal, faz um elogio ao destinatário se expressa:

- i. uma apreciação positiva explícita por algo relativo ao destinatário;
- ii. a intenção de que o destinatário acredite que o emissor valorize positivamente algo relativo ao destinatário ou
- iii. a intenção de que seu enunciado satisfaça a expectativa social de que se expresse uma apreciação positiva por algo relativo ao destinatário, y

iv. a intenção de que o destinatário receba o enunciado como algo que satisfaça essa expectativa.” (Reyes López, 2014, p. 15, tradução nossa)¹⁰

Apesar da busca por definições e delimitações para o entendimento do elogio, o que está bem presente é que em cada cultura esse ato é empregado de certas formas, em determinadas situações e com funções específicas. Portanto, o que pode ser apropriado em um contexto particular pode expressar um sentido diferente em outra situação ou sociedade.

Considerando que qualquer situação comunicativa se dá por meio de algum gênero textual, na seção adiante, nos propomos a discutir e conhecer melhor o gênero epistolar, contemplando a dinâmica dessa atividade social, as particularidades históricas e aspectos da sua manifestação textual.

2.2 Gêneros do discurso

O gênero epistolar é uma das formas de uso da linguagem entre os inúmeros gêneros textuais que podem circular em uma sociedade. A grande heterogeneidade dos gêneros do discurso¹¹, tanto orais quanto escritos, está intimamente relacionada aos diversos campos da atividade humana e de utilização da língua. Cada esfera de comunicação elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, seus gêneros discursivos, os quais incluem desde o diálogo oral cotidiano até romances de muitas páginas e, claro, a carta em todas as suas formas de apresentação (Bakhtin, 1997).

Os gêneros textuais são atividades sociais incontornáveis a qualquer situação de comunicação, pois tudo que se faz linguisticamente se faz por meio de algum gênero. Eles contribuem para a organização das práticas comunicativas e atuam na criação de expectativas, uma vez que apresentam um poder preditivo das ações. Por outro lado, são instrumentos maleáveis, que se originam e se ajustam às necessidades relacionadas às atividades da vida cultural e social, o que pode ser observado, por exemplo, a partir das novas (e em constante

¹⁰ Do original, em espanhol:

“1. una valoración positiva explícita por algo relativo al destinatario, y
2. la intención de que el destinatario crea que el emisor valora positivamente algo relativo al destinatario o
3. la intención de que su enunciado satisfaga la expectativa social de que uno expresa una valoración positiva por algo relativo al destinatario, y
4. la intención de que el destinatario tome el enunciado del emisor como un satisfactor de esta expectativa.”

¹¹ Os termos gêneros do discurso (Bakhtin) e gêneros textuais (Marcuschi) são usados indistintamente.

atualização) relações de uso da linguagem ligadas às tecnologias, que se integram funcionalmente nas sociedades e promovem o surgimento, a transformação e inclusive o desaparecimento de gêneros (Marcuschi, 2002).

Segundo Marcuschi (2002, p. 10), “os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas. [...] São muito mais famílias de textos com uma série de semelhanças”. Como um fenômeno social e histórico, os gêneros contam com fontes de produção que ultrapassam a justificativa individual, isto é, sendo artefatos linguísticos e culturais construídos historicamente em sociedade, os gêneros independem de vontades individuais. Além disso,

Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero. Por exemplo, uma carta pessoal ainda é uma carta, mesmo que a autora tenha esquecido de assinar o nome no final e só tenha dito no início: “querida mamãe” (Marcuschi, 2002, p. 11).

Outra questão relevante para pensar os gêneros textuais é a relação entre oralidade e escrita, uma vez que os gêneros se distribuem nessas modalidades em um contínuo. Portanto, alguns gêneros são expressos na forma oral apesar de terem sido produzidos originalmente na forma escrita. Esse debate será retomado na seção 2.2.2 *Carta privada: texto escrito com marcas de oralidade*, adiante neste texto.

2.2.1 Textos epistolares

Considerando as cartas como um produto cultural construído historicamente em função das necessidades sociais, retomamos estudos que apresentam o gênero a partir das prescrições usadas para regular a produção das cartas no decorrer da história, evidenciando fatos importantes da tradição epistolar desde a antiguidade. Com isso, nos deparamos com uma prática comunicativa com um amplo percurso em que se refletem os campos de atividade humana envolvidos e o período de produção.

Segundo Tin (2005), os textos epistolares tiveram um papel importante ao longo da história, representando o principal meio de comunicação a distância por mais de 2 mil anos e tornando presente os ausentes. No que se refere à composição epistolar da Antiguidade, as poucas informações que restam estão dispersas em correspondências ou em capítulos de

epistolografia em tratados de retórica. O fato dos textos epistolares serem tema de capítulos de retórica pode sinalizar a importância desse gênero, mencionado em obras desde o século I a.C.

As concepções epistolares da Antiguidade definiam a carta como um diálogo entre amigos, que deve ser breve, clara e adaptada ao público-alvo. Demétrio, autor da primeira obra teórica sobre epistolografia, afirma que a carta deve ser um pouco mais elaborada que um diálogo, mas adotar um estilo simples, mais parecido com uma conversa entre amigos que uma demonstração pública de um orador. No entanto, se for dirigida ao Estado, por exemplo, deve ter um tom mais elevado considerando o destinatário.

As epístolas de Cícero e Sêneca estão entre as primeiras referências antigas sobre a escrita de cartas que se tem documentação, tais textos se destacam por terem sido recuperados durante o Renascimento, nos séculos XV e XVI, e eleitas como modelos de escrita. Outra figura importante é Caio Júlio Victor, primeiro a escrever em língua latina um capítulo sobre a escrita de cartas. Em sua obra, afirma que muitas diretrizes do discurso oral também se aplicam à redação de cartas (Tin, 2005).

Esses princípios que orientavam a forma de escrever cartas da Antiguidade prevaleceram durante a Idade Média, até que as novas relações sociais, econômicas e políticas passaram a exigir um estilo mais formal para atender a demanda da Igreja, da nobreza e dos cidadãos por documentos oficiais. Nesse contexto, começa a tradição escrita da *Ars dictaminis*, disciplina da retórica medieval centrada na redação de cartas e documentos que estabelece as regras de composição desses textos.

Nos modelos exemplares da *Ars dictaminis* a carta é composta por *salutatio*, *exordium/captatio benevolentiae*, *narratio*, *petitio* e *conclusio*. A *salutatio* é uma expressão que estabelece a relação entre os envolvidos e leva em conta o destinatário, por isso, observa a ordem social; o *exordium* tem a função de preparar o destinatário e torná-lo receptivo; a *narratio* é o relato em si, que pode vir seguida de um pedido, o *petitio*; e, por fim, a *conclusio*, parte de fechamento da carta.

Para além da sistematização da estrutura, as normativas incluíam, por exemplo, longas listas de fórmulas de saudação de acordo com a posição social do destinatário; recomendação de atenção à correção gramatical, harmonia entre as palavras, ou seja, a carta era cuidadosamente planejada. Nesse sentido,

O que se pode depreender de todos esses tratados [...] é uma grande preocupação com a demonstração de cortesia e etiqueta nas cartas, praticada numa sociedade altamente hierarquizada [...]. Características como brevidade e clareza, já prescritas pela tratadística antiga, são reafirmadas, o que as faz

parecer cada vez mais elementos próprios do gênero epistolar. (Tin, 2005, p. 37).

A partir do século XIV, a redefinição do gênero epistolar teve início com a redescoberta das cartas de Cícero e a crítica à rigidez e ao formalismo da *ars dictaminis*. Depois de um longo processo de transição entre o domínio da *ars dictaminis* medieval e a epístola humanística, em que as duas formas foram usadas, estas prevaleceram e passaram a ser apontadas como modelos ideais. Com essa revisão nos preceitos da arte epistolar, surgem inúmeros tratados sobre o gênero. No entanto, somente no século XVI são produzidos tratados mais elaborados, como as obras de Erasmo de Rotterdam e Justo Lúpsio.

Nesses tratados, a carta volta a ser entendida como uma conversação do cotidiano, que deve ter um estilo simples. Rotterdam abarca tanto a carta oficial quanto a familiar e afirma que a carta é uma forma de gênero oratório, ainda que destacando as diferenças entre a carta e o discurso. Para Lúpsio a matéria da carta tem dois elementos: o convencional, que se repete em toda carta; e o variável, que difere em cada carta. Também considera o estilo coloquial como adequado para a carta, recomendando brevidade, clareza, simplicidade, elegância e decoro, com uso de palavras correntes, estilo leve e frases adequadas ao destinatário e ao assunto (Tin, 2005).

2.2.2 Carta privada: texto escrito com marcas de oralidade

Em conformidade com a observação de Marcuschi (2002) de que os gêneros se distribuem pela modalidade oral e escrita em um contínuo, também com a afirmação de Tin (2005) de que na redação de cartas se aplicam diretrizes do discurso oral, os autores Peter Koch e Wulf Oesterreicher (2007) caracterizam a carta privada como um texto que se manifesta em forma de signos escritos, mas com uma configuração linguística que corresponde a uma concepção de oralidade.

Para Koch e Oesterreicher (2007), há dois aspectos da manifestação linguística que devem ser considerados: o meio e a concepção. O meio corresponde à realização material e é classificado como fônico, se as expressões linguísticas se manifestam na forma de sons, ou gráfico, quando a realização ocorre na forma escrita, portanto, o meio fônico e gráfico representam uma dicotomia estrita. De forma contrária, a concepção é compreendida como um contínuo entre dois extremos, o extremo da imediatez comunicativa e o da distância comunicativa, este relacionado à escrita, aquele relacionado à fala. Os autores destacam ainda

que não há uma equivalência entre o meio fônico e concepção falada ou entre meio gráfico e concepção escrita, mas existem combinações entre escrito + fônico, como por exemplo uma conferência científica, e entre falado + gráfico, como uma carta privada.

Para explicar as características universais da oralidade e da escrituralidade relevantes para o aspecto conceitual, Koch e Oesterreicher tomam como base a definição de linguagem de Eugenio Coseriu, que propõe a distinção de três aspectos da atividade linguística, são eles: o nível universal das características gerais da fala, o nível histórico das línguas e o nível individual dos textos. O nível universal, comum a todos os seres humanos, contém regras e princípios gerais, por isso, compreende um saber comum a todas as línguas. Nesse sentido,

diz respeito ao FALAR, que compreende as ações gerais, não especificamente históricas, dos sujeitos falantes, ou seja, as operações linguísticas que consistem em referir-se linguisticamente a um objeto (referenciação), em dizer algo sobre esse objeto (predicação), em situar os nossos enunciados no espaço e no tempo (orientação dêitica), em assumir e distribuir papéis comunicativos, em inserir os nossos enunciados em contextos (contextualização), em dar sentido aos nossos enunciados de acordo com os objetivos ou propósitos pragmáticos (Koch; Oesterreicher, 2007, p. 23).¹²

No que se refere ao nível histórico das línguas, a atividade linguística engloba o sistema de normas de uma língua histórica particular (como italiano, português, francês, espanhol, inglês etc.) e abarca o saber idiomático, isto é, a competência linguística que caracteriza um determinado idioma. Por fim, o nível individual se refere ao discurso concreto, ou seja, ao ato de fala do indivíduo, que utiliza uma língua particular em uma determinada situação de comunicação.

Considerando esse sistema teórico, Koch e Oesterreicher (2007) estabelecem um conjunto de parâmetros e condições extralinguísticas de comunicação que desempenham um papel importante para a caracterização das realizações linguísticas do contínuo falado/escrito. Esses parâmetros se referem ao grau de:

a) privacidade, ou seja, o caráter público da comunicação, que leva em conta, portanto, o número de interlocutores;

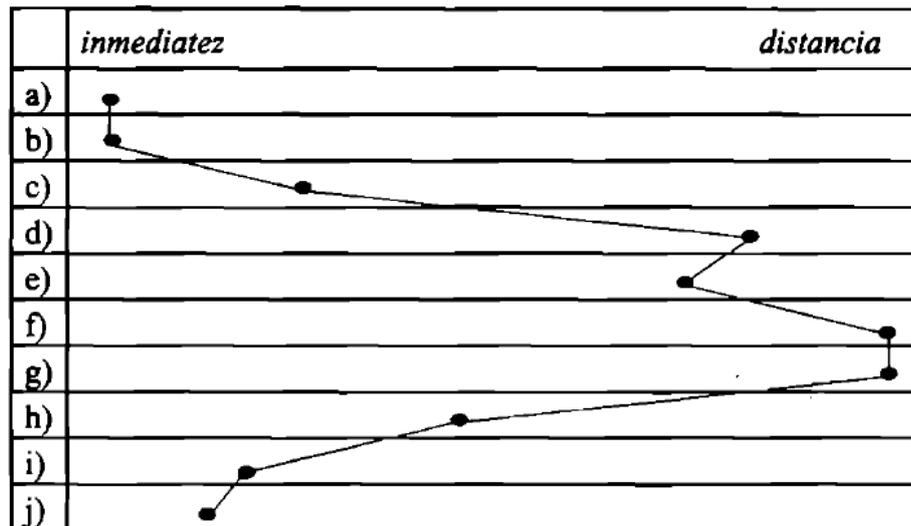
¹² Traduzido do espanhol: concierne al HABLAR, que comprende las acciones generales, no específicamente históricas, de los sujetos hablantes, es decir, las operaciones lingüísticas que consisten en referirse lingüísticamente a algún objeto (referencialización), en decir algo sobre ese objeto (predicación), en situar espacio-temporalmente nuestros enunciados (orientación deíctica), en asumir y repartir papeles comunicativos, en insertar nuestros enunciados en contextos (contextualización), en otorgar sentido a nuestros enunciados en el marco de objetivos o fines pragmáticos (finalización).

- b) familiaridade, para o qual é relevante por exemplo a experiência comunicativa prévia entre os interlocutores, o conhecimento compartilhado etc.;
- c) envolvimento emocional, relacionado, por exemplo, à afetividade pelo interlocutor;
- d) ancoragem dos atos comunicativos na situação ou ação;
- e) campo referencial, em que é determinante a distância dos objetos e das pessoas referidas.
- f) proximidade física dos interlocutores em um sentido espacial e temporal;
- g) cooperação, relacionado à possibilidade de intervenção do interlocutor na produção do discurso;
- h) dialogicidade, para o qual é importante a possibilidade e frequência com que receptor assume papel de emissor;
- i) espontaneidade da comunicação;
- j) fixação temática.

Os autores afirmam que, de acordo com esses critérios, é possível determinar um grande número de formas de comunicação e que toda forma de comunicação está necessariamente caracterizada por um conjunto de combinações desses valores paramétricos que estabelecem um contínuo falado/escrito entre dois polos. De um lado dos polos estão as condições de privacidade, familiaridade, forte envolvimento emocional, ancoragem na situação e ação comunicativa, referenciação ao aqui e agora do falante, presença física, máxima cooperação na produção, alto grau de dialogicidade, liberdade temática e máxima espontaneidade. Do outro lado estariam as condições relacionadas ao caráter público da comunicação, desconhecimento entre interlocutores, falta de envolvimento emocional, independência da situação e ação comunicativa, impossibilidade de referência dêitica do falante, distância física, ausência de cooperação na produção, caráter monológico, temática fixa e máxima reflexão.

Dado que todos esses parâmetros, exceto a oposição entre presença física e distância física, são de natureza gradual, a atividade comunicativa compreende uma escala entre os dois extremos de cada condição. Assim, em cada comunicação há, se tomarmos como exemplo a familiaridade, um grau que vai de um extremo de grande familiaridade até o total desconhecimento dos interlocutores no outro extremo. Esses valores paramétricos comunicativos da carta privada prototípica foram representados graficamente por Koch e Oesterreicher (2007) da seguinte forma:

Figura 2: Valores paramétricos comunicativos da carta privada



Fonte: Koch e Oesterreicher, 2007.

A figura apresenta dois polos, o da imediatez e o da distância comunicativa, que correspondem à concepção de fala e escrita, respectivamente. Os valores paramétricos da carta privada estão sinalizados em um contínuo entre esses indicadores. O polo “a” e “b” no extremo da imediatez se referem ao caráter de privacidade e familiaridade, já os polos “f” e “g” estão no extremo da distância e se referem às condições de distância física entre os participantes e a ausência de cooperação na produção. Os demais parâmetros estão no contínuo entre os polos.

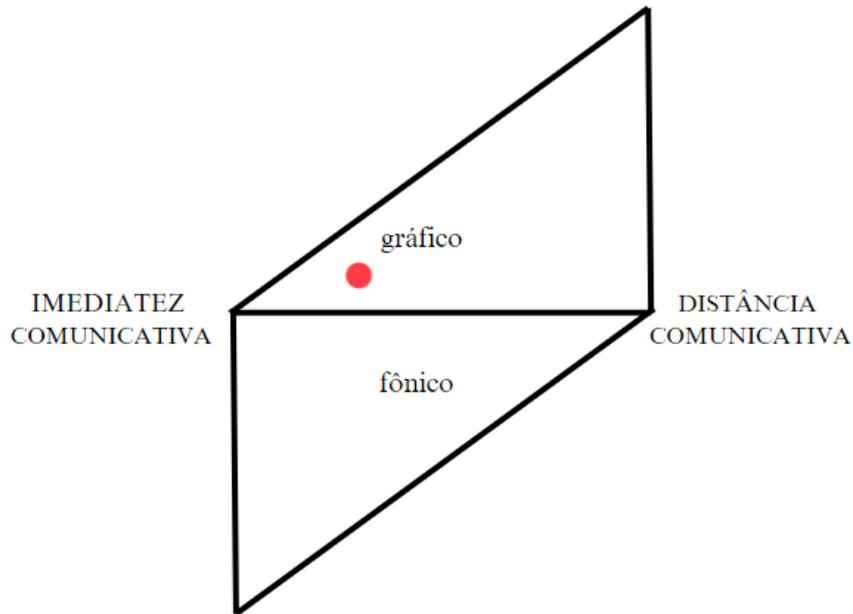
Em resumo, uma carta privada, no contínuo falado/escrito, teria os seguintes valores:

- a) privada;
- b) familiaridade;
- c) envolvimento emocional relativamente forte;
- d) sem ancoragem na situação, com possível ancoragem na ação;
- e) impossibilidade de deixis centrada no aqui e agora do falante, mas possibilidade de referência do eu;
- f) distância física;
- g) impossibilidade de cooperação na produção;
- h) dialogicidade estritamente regulada;
- i) espontaneidade relativa;
- j) desenvolvimento temático livre.

Complementando a caracterização interna da carta de acordo com os parâmetros conceituais (figura 2), Koch e Oesterreicher (2007) esquematizam a localização desse gênero entre as possibilidades de manifestação linguística de meio e concepção, isto é, entre o meio

gráfico ou fônico e no contínuo entre a escrituralidade conceitual (distância comunicativa) e a oralidade conceitual (imediatez comunicativa).

Figura 3: Localização da carta entre meio e conceito



Fonte: Adaptado de Koch e Oesterreicher, 2007.

A figura apresenta o ponto vermelho como a localização da carta entre o meio e a concepção. O meio de realização material da carta é o gráfico, uma vez que ocorre na forma escrita. Por outro lado, no contínuo conceitual entre a imediatez e a distância comunicativa, está localizado mais próximo do polo da imediatez. Com isso, podemos identificar que a carta, nosso objeto de estudo, apesar de ter a escrita como meio de manifestação linguística, tem marcas de oralidade, uma vez que sua configuração linguística se aproxima a uma concepção de imediatez comunicativa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os passos metodológicos e decisões tomadas a fim de atingir o objetivo desta pesquisa, que é analisar em que medida o elogio ameaça a imagem negativa do interlocutor na interação comunicativa, como assinalam Brown e Levinson (1987), e mobilizar outras propostas teóricas para a interpretação de dados que essa teoria não contempla. Esses autores elaboraram um modelo detalhado sobre as estratégias usadas para comunicar a atenção do falante à imagem pública do ouvinte e, apesar de não analisarem o ato de elogio especificamente, situam os elogios junto com as expressões de inveja e os classificam como atos ameaçadores da imagem negativa do interlocutor na mesma categoria que as ordens ou pedidos.

A metodologia deste trabalho tem como foco a descrição de fenômenos linguísticos, tendo como objeto de análise cartas do século XX escritas por diferentes remetentes para o maestro mexicano Carlos Chávez. Para esta pesquisa descritiva, os procedimentos utilizados envolvem a análise documental com tratamento qualitativo e quantitativo. O material base para a análise é um acervo de documentos disponibilizado pelo núcleo [*estudios en*] *Corpus del español escrito con marcas de oralidad* (CEEMO) e as amostras fazem parte do *Corpus Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez* (CICC).

O CEEMO é um projeto que busca compilar e transcrever textos, disponibilizando amostras de narrativas literárias, textos dramáticos, poesias, diálogos de filmes e cartas pessoais dos séculos XX a XXI para a análise de fenômenos linguísticos. Teve início em 2014, fase dedicada à transcrição e revisão de gêneros textuais representativos da variedade do México; em 2015 também estendeu o trabalho de transcrição para o gênero epistolar de uma remetente uruguaia do século XX; de 2016-2018, se ocupou do trabalho de transcrição de materiais de áudio de amostras filmicas.

Na quarta fase do projeto, que teve início em 2019 e deu início a composição do corpus desta pesquisa, a equipe se dedicou ao material epistolar compilado em pesquisa realizada na Cidade do México em 2018, com cartas de indivíduos de distintos estratos sociais e níveis de escolaridade e de diferentes sexos e gerações. Formam parte desse conjunto, junto com o CICC, os corpora: CELS – Correspondencias del Ejército Libertador del Sur; COZ – Correspondencias Otilia Zambrano; CEHu – Correspondencias a Efraín Huerta; CER – Correspondências a Emilia Romero; e CRaHe – Correspondências a Rafael Heliodoro Valle.

Para organizar esses dados, as cartas são codificadas seguindo o padrão que inclui a identificação do núcleo CEEMO, a identificação do corpus CICC, as iniciais do país de origem da carta, o gênero do remetente seguido de um número identificador e, por fim, um número identificador da carta pessoal. Quanto às iniciais do país de origem, elas podem ser AR (Argentina), MX (México), PR (Porto Rico), DO (República Dominicana) VE (Venezuela) e em relação ao remetente pode ser M (mulher), H (homem) e FC (firma colectiva, assinada por mais de um remetente). Um exemplo de identificação de carta seria: CEEMO/CICC/AR/M2/CP107.

O passo inicial dessa pesquisa se dá pela transcrição do corpus, que, de acordo com as normas do CEEMO para o gênero, é conservadora, ou seja, respeita a escrita original sem intervenções. Isso quer dizer que, por exemplo, se no original há palavras escritas juntas, na transcrição elas são apresentadas dessa forma. Da mesma maneira, a pontuação, a acentuação ou ausência dela e o emprego original de letras maiúsculas e minúsculas são mantidos. Para registrar situações relevantes para investigações, são usadas notas explicativas de pé de página. O processo de transcrição, fase prévia à análise quantitativa, inclui ainda uma etapa de revisão.

A fim de esclarecer o uso estratégico do elogio, o corpus é analisado considerando a caracterização técnica do elogio proposta por Reyes López (2014) apesar de que, na carta, a expressão de aprovação do falante não ocorre na presença física do interlocutor, diferentemente do que a autora estipula em relação a considerar o elogio em uma conversa cara a cara. Nesse sentido, o elogio é entendido como uma expressão de avaliação positiva por algo relacionado ao destinatário, e a sistematização permitiu identificar que na amostra analisada pode incluir uma apreciação a um bem material (objeto/produção), uma característica/aparência física, uma habilidade, ou a personalidade do destinatário. O objeto do elogio deve ser valorizado positivamente pelos participantes da interação e, nos dados da amostra, pode estar no âmbito profissional e/ou pessoal.

Na análise quantitativa, contemplando o primeiro objetivo específico de descrever com que frequência cada estratégia de cortesia é empregada nas cartas da amostra, cada elogio é analisado e contabilizado de acordo com a via estratégica que o falante escolhe para formular seus enunciados, elas podem ser: aberta sem correção, aberta com cortesia positiva, aberta com cortesia negativa e encoberta.

A partir desse levantamento e interpretação quantitativa dos dados, será possível verificar o comportamento do elogio com apoio da metodologia qualitativa. Essa análise qualitativa, que corresponde ao segundo e terceiro objetivo específico deste estudo, considera

a influência do tipo do elogio (aspecto físico, posse, habilidade etc.) na expressão de ameaça e os contextos que favorecem ou impossibilitam a realização do elogio como ameaça no corpus.

3.1 O *corpus* CEEMO/CICC

A presente seção retoma a descrição do *corpus Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez* (CICC) desenhada por Biluca e Botkowski (2022) no âmbito da Iniciação Científica (CEEMO/UFSC/2022). O CICC é um conjunto de documentos históricos coletados no *Archivo General de la Nación* (AGN/Ciudad de México), pela Professora Doutora Leandra Cristina de Oliveira em 2018; uma amostra que faz parte do material disponibilizado pelo núcleo [*estudios en*] *Corpus del español escrito con marcas de oralidad* (CEEMO) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que reúne pesquisadores interessados na descrição e análise linguística do espanhol.

O *Archivo General de la Nación* (AGN) do México é a instituição responsável por preservar e difundir o patrimônio documental nacional, reunindo documentos provenientes de instituições governamentais desde a época colonial até o início do século XXI, além de coleções particulares dos séculos XIX e XX formadas por documentos de personagens reconhecidos pela participação política e social do México (Archivo General de la Nación, 2016). Entre esses documentos particulares, encontram-se correspondências profissionais e pessoais do compositor e maestro mexicano Carlos Chávez (1899-1978). Tendo se dedicado desde muito jovem à música, as cartas dessa figura proeminente, datadas no período entre 1915 e 1979, contêm abundante informação sobre essa temática, ou seja, sobre orquestra, concertos, doação de obras etc.

O corpus CICC, disponível para análise, é um compilado dessas correspondências e inclui nomes relacionados com a música e cultura mexicana e estrangeira. Está composto por 138 cartas datilografadas ou escritas à mão no período de 1936 a 1978, esse conjunto abrange correspondências recebidas ou enviadas por Carlos Chávez, compositor, regente de orquestra, professor e jornalista mexicano, responsável pela fundação da *Orquesta Sinfónica de México* e figura de destaque no cenário cultural latino-americano.

Entre os correspondentes de Chávez, estão homens e mulheres instruídos, em sua maioria, pessoas ligadas à área musical — secretário e diretor de escola de música, professora de piano, cantora, violonista, compositor, estudante de música — que escrevem ao maestro de diferentes espaços geográficos: Argentina, México, Porto Rico, República Dominicana e

Venezuela. A temática que predomina nas missivas concerne à música e a esse contexto, por exemplo, agradecimento por envio de obras ou pedidos de composições, trocas de experiências profissionais e trocas de informações de assuntos cotidianos.

O corpus CICC disponibilizado pelo CEEMO está organizado em subgrupos de cartas que levam em consideração o país de origem da correspondência indicado pelo interlocutor de Carlos Chávez na própria carta. Pela ausência de informações detalhadas sobre cada remetente, toma-se como base de origem a localidade firmada no documento e não a nacionalidade do remetente.

O primeiro subgrupo, referente às cartas de interlocutores localizados na Argentina, está composto por um total de 39 missivas; 21 delas escritas pelo Maestro Carlos Chávez e 18 escritas ao Maestro. Entre as cartas escritas ao maestro, 15 foram escritas por interlocutoras individuais do sexo feminino (8 remetentes diferentes), uma escrita por interlocutor individual do sexo masculino e duas escritas por mais de um interlocutor (*firma colectiva*).

O segundo subgrupo, com cartas de interlocutores localizados no México, está composto por 18 cartas, oito delas escritas pelo Maestro Carlos Chávez; duas escritas pelo Maestro e outros remetentes (*firma colectiva*); e oito escritas ao Maestro. Entre as cartas destinadas ao Maestro, seis foram redigidas por indivíduos do sexo masculino (três remetentes) e duas escritas por remetentes não identificados.

O terceiro subgrupo, de cartas remetidas por interlocutores localizados em Porto Rico, é formado por apenas uma missiva, enviada ao Maestro Carlos Chávez por um indivíduo do sexo masculino.

O quarto subgrupo, relativo às cartas de interlocutores localizados na República Dominicana, conta com 20 cartas escritas por Carlos Chávez e 21 enviadas a ele. Entre as cartas recebidas pelo Maestro, 20 foram escritas por correspondentes do sexo feminino (quatro remetentes) e um por um interlocutor do sexo masculino.

Por fim, o quinto subgrupo, referente às cartas escritas por remetentes localizados na Venezuela, compreende 18 cartas escritas por Carlos Chávez e 21 escritas a ele. Nesse conjunto, encontram-se 12 cartas escritas por interlocutoras do sexo feminino (cinco remetentes) e nove escritas por interlocutores do sexo masculino (seis remetentes).

3.2 Amostra

A partir do corpus apresentado na seção anterior, destacamos como critério de seleção da amostra apenas os conjuntos de documentos recebidos pelo maestro Carlos Chávez. Dessa

forma, a amostra está composta por 68 cartas, sendo 18 enviadas da Argentina, uma carta de Porto Rico, oito do México, 21 da República Dominicana e 20 da Venezuela (uma carta com conteúdo repetido é desconsiderada). Dentro desse conjunto, ainda são analisadas e delimitadas as missivas que apresentem os contextos de elogio, partindo da verificação de ser este um ato de fala recorrente nas cartas desse corpus. Isso corresponde a um total de 34 documentos: nove da Argentina, um de Porto Rico, cinco do México, oito da República Dominicana e 11 da Venezuela. Somando um total de 59 contextos de elogio.

3.3 Cartas: aspecto formal e funcional da amostra

Como já mencionado anteriormente, os gêneros textuais não são caracterizados por estruturas estáticas, mas como famílias de textos. Nesta seção, um conjunto de semelhanças que caracterizam as cartas recebidas por Carlos Chávez é exposto para apresentar com mais detalhes a amostra estudada.

Em relação às partes constitutivas das cartas do corpus CICC, em seu aspecto estrutural e funcional, é possível observar algumas características comuns, presentes em várias cartas, mas não necessariamente em todas. São elas:

(i) timbre, que inclui a logomarca, nome, endereço e elementos de contato da instituição representada, nomes e cargos dos representantes. Esses elementos contextualizadores geralmente são fixos e impressos previamente nas folhas de papel da carta, portanto, não foram redigidos pelo remetente.

(ii) indicação de local de onde está sendo enviada a correspondência e data, servem para a referenciação espacial e temporal. Esses elementos também são contextualizadores e estão dispostos geralmente na parte superior da carta. O dado a seguir exemplifica essa referência:

(6) *Mendoza 5 de Abril de 1975 (CEEMO/CICC/AR/M2/CP107)*

(iii) encabeçamento com indicação do nome e endereço do destinatário. Abaixo dessas informações de nome e endereço, é possível encontrar a informação *Ciudad* (CEEMO/CICC/MX/H2/CP120) ou *Presente* (CEEMO/CICC/MX/H4/CP134), esta última fórmula é usada para indicar que a carta não se envia, mas se entrega em mãos.

(iv) presença de vocativo, que é uma expressão de cortesia e põe em destaque o destinatário da carta. Nas missivas da amostra, predomina o emprego de *Querido Maestro*, alguns casos incluem o nome e/ou sobrenome; outra forma é *Estimado Maestro* e variações;

também pode incluir um intensificador em fórmulas como *Muy apreciado amigo* e suas combinações ou ser expresso por dois adjetivos como em *Querido y recordado Maestro Chavez*.

(v) abertura, frases que seguem o vocativo e dão um tom amigável para a introdução da carta. Os enunciados podem ser separados do corpo do texto ou parte do desenvolvimento do texto. Um exemplo de abertura, em que o remetente expressa o desejo de que o destinatário esteja bem, pode ser observado no dado a seguir:

(7) *Esperando se encuentre bien de salud en unión de todos los suyos, y que siga cosechando mucho exitos como siempre* (CEEMO/CICC/VE/M5/CP26)

Na amostra, é recorrente a sinalização de recebimento de uma carta ou obra, o que pode vir acompanhado de um pedido de desculpa pela demora em responder ou um agradecimento pelo envio:

(8) *Recibí su carta y me alegra tener noticias tuyas* (CEEMO/CICC/AR/M1/CP96)

(9) *Con gran placer recibimos sus gentiles líneas y luego su libro y sus partituras que le agradezco muchísimo, por todo lo que significa en el recuerdo.* (CEEMO/CICC/AR/M3/CP100)

(10) *Antes de darle cualquier disculpa por no haber dado hasta hoy respuesta a sus gratas, todas las cuales he recibido oportunamente, permítame que muy sinceramente lo felicite por sus triunfos en el vecino país* (CEEMO/CICC/MX/H5/CP137)

A abertura permite ainda indicar o motivo do contato:

(11) *Tengo el agrado de dirigirme a Ud. para [...].* (CEEMO/CICC/AR/FC/CP93)

(vi) corpo do texto, parte em que os assuntos são desenvolvidos. A temática é livre, mas no geral está relacionada com o cotidiano, a música, pedidos, agradecimentos, demonstrações de carinho etc.

(12) *Querido maestro no se imagina como lo estimamos aquí en Venezuela y en especial en mi propia casa sepa usted que nuestra admiración es perpetua y el aprecio y cariño que sentimos por usted es infinito* (CEEMO/CICC/VE/H3/CP06).

(vii) presença de um fechamento, que inclui uma frase de despedida e saudações finais. A frase de despedida é uma indicação de que a carta está chegando ao final:

- (13) *El sueño me vence (son las once de la noche) y la carta se está haciendo muy larga. De modo que voy terminando. De nuevo le pido excusas por mi silencio tan prolongado (CEEMO/CICC/DO/M4/CP68).*

Já as saudações finais são as fórmulas de despedida como “Cordialmente”, “Cariñosamente”, “Afectuosamente”, “Reciba, mi querido Maestro muchos abrazos.”

Esses dois elementos de fechamento podem estar expressos em orações separadas ou em um mesmo enunciado de fechamento:

- (14) *Esperando, que pronto esté entre nosotros, reciba un afectuoso abrazo de su amigo y S. S. (CEEMO/CICC/VE/H5 /CP38).*

(viii) identificação do remetente da carta, que pode ser o nome e/ou assinatura, ainda pode ser uma assinatura coletiva caso a carta tenha sido enviada por mais de um remetente.

(ix) observação, elemento que aparece ao final ou na lateral de algumas cartas e contém uma informação agregada depois de que a carta foi concluída. Essas observações são introduzidas pela abreviatura P. D. ou P. S. Temos como exemplo as seguintes ocorrências:

- (15) *PD. Va un dibujo con mi hermano. Espero que si él anda por EEUU. lo vaya a visitar. De todas maneras, van mis cariños. (CEEMO/CICC/AR/M7/CP114).*
- (16) *P.S. Necesito, así mismo, un retrato suyo, tamaño postal o mayor, si fuere posible. Mil gracias. (CEEMO/CICC/MX/H4/CP133).*

Para além dessa caracterização, que considera elementos presentes na amostra, mas não necessariamente presentes em todas as cartas, é importante ter em consideração que são cartas privadas, datilografadas ou manuscritas, destinadas a Carlos Chávez, que envolvem o âmbito profissional ou pessoal. Dado que o destinatário é uma figura de renome, reconhecido internacionalmente também justifica o fato de as temáticas incluírem expressões de admiração por sua atuação profissional. Por outra parte, a relação entre os interlocutores é próxima, uma vez que eles se conhecem e, de modo geral, fazem parte do mesmo meio musical.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, uma vez contextualizados os propósitos deste estudo e as bases teóricas em que nos apoiamos, são apresentadas as análises organizadas em torno do contexto de elogio nos dados da amostra selecionada do corpus CICC. Propomos uma análise qualitativa baseada em um levantamento quantitativo prévio, tomando como base um conjunto de 59 elogios, a fim de verificar em que medida o elogio é uma ameaça para a imagem negativa do interlocutor, como afirmam Brown e Levinson (1987), e apontar para propostas que contemplem as possíveis lacunas de interpretação desse ato.

As seções a seguir correspondem a cada um dos três objetivos específicos e estão ordenadas de modo a responder cada uma das respectivas perguntas de pesquisa e, portanto, confirmar ou refutar cada uma das hipóteses relacionadas a essas perguntas.

4.1 Estratégias e imagens envolvidas nos contextos de elogio

A análise apresentada nesta seção busca contemplar o primeiro objetivo específico e, portanto, pretende responder com que frequência cada estratégia de cortesia é empregada nas cartas da amostra nos contextos de elogio. Nos referimos às estratégias abertas sem correção, abertas com cortesia positiva, abertas com cortesia negativa e estratégia encoberta. E podemos identificar que, nas cartas analisadas do corpus CICC, o elogio é realizado principalmente por meio da estratégia de cortesia aberta sem correção, conforme tabela a seguir.

Tabela 1: Frequência de uso das estratégias na amostra

Estratégias de cortesia nos contextos de elogio			
Aberta sem correção	Aberta com cortesia positiva	Aberta com cortesia negativa	Encoberta
55	2	1	1

Fonte: autoria própria.

Como é possível observar, o elogio na amostra é expresso, em 55 dos 59 dados, por meio da estratégia aberta sem correção. E isso permite tirar algumas conclusões em relação ao objetivo desta pesquisa. Os tópicos seguintes estão dedicados a explicar os achados em relação a cada uma dessas estratégias.

Estratégia aberta sem correção:

Como explanado no capítulo teórico sobre a teoria da cortesia, a estratégia aberta é a que busca maior eficiência comunicativa e, portanto, é formulada de forma direta e clara, seguindo as máximas de quantidade, qualidade, relação e modo do Princípio de Cooperação de Grice. Essa estratégia é expressa sem reparação quando não há risco de o ato ameaçar a imagem ou quando há situações que justifiquem a ausência de correção, como casos de urgência ou poder assimétrico de emissor sobre o receptor.

Os atos de elogio da amostra ativam essa estratégia aberta e direta em 93.2% das ocorrências. O emprego dessa estratégia pode ser observado nos contextos dos dados a seguir:

- (17) *Aquí lo recordamos siempre ya sea por mis actuaciones artísticas, como por los simpáticos momentos pasados en **su compañía siempre amena e interesante** (CEEMO/CICC/AR/M8/CP106)*

Esse dado é de uma carta enviada da Argentina, em 1974, escrita por uma pianista que mantém uma relação de amizade profissional com o maestro Carlos Chávez, inclusive o trecho indica o conhecimento mútuo entre os participantes. A temática da carta está relacionada com o cotidiano profissional e agradecimento de envio de obra. O elogio tem como foco a personalidade “amena” e “interessante” do destinatário e é elaborado de forma direta, sem ambiguidade. Nesse caso, a atenção à imagem do destinatário se dá pelo próprio ato de elogio, não por uma ação reparadora, pois o ato não oferece nenhum risco à imagem. Esse é um exemplo de mensagem que comunica atenção à imagem positiva do destinatário, uma vez que atende ao seu desejo de ser apreciado.

Os dados que seguem apresentam essa mesma configuração de atos expressivos elaborados sobre a imagem positiva, que é a mais frequente nos dados do corpus CICC. Vejamos outros elogios seguidos de sua contextualização:

- (18) *Siempre lo cito en ejemplo y digo que ojalá puede llegar a ser como Usted.... con ese **carácter suyo tan joven, tan simpático y tan cariñoso** y siempre queriendo hacer más y más. (CEEMO/CICC/VE/M3/CP12)*

Esse segundo dado é de uma carta da Venezuela datada de 1977, também escrita por uma remetente mulher da área musical e que estabelece uma relação de amizade profissional. A carta é redigida em resposta a um contato anterior e inclui informações pessoais do cotidiano da remetente e assuntos do meio musical. O elogio da ocorrência está em um contexto de afirmações positivas e tem como foco a personalidade de Chávez com seu caráter jovem, simpático e carinhoso. A estratégia de cortesia atende à imagem positiva do destinatário e seu desejo de aprovação.

Outro exemplo dessa estratégia é apresentado no dado a seguir.

(19) *Tengo recibidas sus dos últimas cartas, la grabación y el programa del Festival Cabrillo. **Que hermosa serie de conciertos!** La grabación de los "Soli" la he escuchado varias veces y me parecen **cada vez mas interesantes**; creo no equivocarme pensando que se encuentran entre **sus mejores creaciones**.* (CEEMO/CICC/DO/M1/CP47)

Diferentemente dos dados anteriores, o elogio da ocorrência (19), presente em uma carta enviada da República Dominicana em 1973, não é referente à personalidade do destinatário, mas tem como foco o que classificamos como objeto/produção, já que o bem elogiado é uma obra do maestro Chávez. A carta tem o mesmo perfil de relação amistosa entre os participantes e temática do cotidiano musical.

Esta valoração positiva explícita em relação ao maestro pode ainda ser interpretada como um agradecimento implícito, uma vez que o remetente acusa a recepção das obras que são foco do elogio e exprime seu reconhecimento. Em qualquer caso, as expressões de valoração deste dado não dão espaço para uma interpretação de ameaça à imagem dos interlocutores, pois a atividade verbal não está em um contexto conflitivo, indicando uma lacuna na teoria de Brown e Levinson (1987).

O dado (20) apresenta mais um uso dessa estratégia.

(20) *Felicito a usted muy especialmente por el alto nivel a que ha llegado la Orquesta Sinfónica de México bajo la dirección de usted y no dudo que este grupo seguirá obteniendo mayores triunfos en sus **perfectas interpretaciones**.* (CEEMO/CICC/MX/H2/CP120)

Esse dado foi extraído de uma carta de 1942 enviada pelo então Presidente do México para o maestro Chávez. Aqui os papéis que os participantes assumem podem suscitar a reflexão a respeito do que Goffman (1970) e Brown e Levinson (1987) destacam em relação ao controle das fronteiras e preservação de território que a posição de poder imprime, ou em relação à ausência de atenção à imagem em uma mensagem de um emissor superior a um receptor inferior. Mas, apesar da presumível relação de poder assimétrico outorgada pelo cargo que os

interlocutores ocupam, em que o emissor estaria em posição superior em relação ao destinatário, o ato é expresso de forma direta em atenção à imagem do destinatário, isso porque, diferente do que esses autores postulam, a interação não é uma fonte inesgotável de conflitos e, portanto, pode assumir um tom amigável e de cooperação em um contexto harmônico.

Com todas essas ocorrências, podemos observar que o elogio está predominantemente inserido em contextos de demonstração de afeto e atenção à imagem positiva do destinatário. Esse aspecto de familiaridade e confiança caracteriza as cartas da amostra de modo geral e é determinante da frequência do emprego da estratégia de cortesia aberta em que o enunciado é expresso sem reparação.

A escolha dessa estratégia elaborada sem ambiguidade comunica que o risco de ameaça é mínimo, uma vez que não se referem a situações de urgência, poder assimétrico de emissor sobre o receptor, ou clara intenção de agressão que justifiquem a ausência de correção. Isso distancia o ato de elogio da classificação de Brown e Levinson e aproxima à classificação proposta por Kerbrat-Orecchioni de que o elogio produz efeito valorizante e atua no reforço da imagem positiva.

Estratégia aberta com cortesia positiva:

A estratégia aberta com cortesia positiva é usada para comunicar cuidado e atenção ao desejo de aprovação dos participantes. Como mencionado anteriormente, na seção teórica, essa estratégia não é necessariamente reparadora de um ato ameaçador à imagem, mas um acelerador social. Exagerar no interesse e simpatia pelo destinatário é um exemplo de ativação dessa estratégia.

Em duas ocorrências nos dados do CICC analisados, o elogio coexiste com atos ameaçadores e se realiza como cortesia dirigida à imagem positiva, atuando na reparação da imagem. Vejamos os seguintes dados e os contextos em que ocorrem:

(21) L
e suplico disculparme por no haberle escrito antes, pero Ud., gran artista y gran ser humano, sabe comprender cómo estos golpes afectan y cuán sinuoso es el proceso de asimilación. (CEEMO/CICC/DO/H2/CP64)

O dado anterior é de uma carta de 1971 enviada da República Dominicana por um músico e escritor. A relação do remetente com Chávez é de amizade profissional e a temática da carta está relacionada à assuntos pessoais e profissionais. O elogio da ocorrência tem como foco a personalidade do destinatário como grande artista e ser humano.

Nesse caso, o elogio coexiste com um pedido de desculpas do remetente por não ter escrito antes. Esse pedido de desculpas pela demora do contato é uma tradição que acompanha ou sinaliza o recebimento de uma carta e, como tradição, é recorrente nas cartas da amostra (ver exemplo da carta CEEMO/CICC/MX/H5/CP137 apresentado no dado 5 da seção 3.3 sobre aspecto formal e funcional).

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 128), “a observação das situações em que se pedem desculpas permite estabelecer o inventário do que uma dada sociedade considera como ofensa” já que a noção de ofensa é variável culturalmente. E esse tipo de pedido parece indicar que a demora em responder uma carta ameaça a imagem positiva do interlocutor por indicar o desinteresse ou falta de consideração do emissor com o seu desejo de ser apreciado. Mas também, como previsto por Brown e Levinson (1987), evidencia uma ameaça à imagem positiva do próprio emissor, que assume que sua atuação pode ser desaprovada pelo destinatário.

O elogio do dado (21), portanto, atua na reparação simultânea dessa ameaça à imagem positiva de emissor e destinatário comunicando atenção à imagem por meio da expressão de valoração positiva e admiração. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 129) classifica essa estratégia atenuadora como procedimento acompanhante de reparação, em que a ameaça é acompanhada de um recurso de suavização, “conforme o sentido original do termo, a reparação visa, em alguma medida, à recolher os pedaços de uma interação fragilizada pela ofensa inesperada”.

A segunda ocorrência em que a estratégia aberta com cortesia positiva é empregada no contexto de elogio pode ser observada a seguir.

(22) D
isculpe Ud. que las argentinas seamos tan pedigüeñas, pero es A. M. G. M. (a mayor gloria de la Música (CEEMO/CICC/AR/M5/CP105)

O dado (22) foi extraído de uma carta redigida em 1974 e enviada da Argentina por uma cantora. Sua relação com o destinatário Carlos Chávez é de amizade profissional e a temática da carta inclui agradecimentos por envio de obra, cotidiano musical, expressão de admiração e pedido.

Nessa ocorrência, a estratégia de cortesia empregada para reparar a ameaça é o exagero no interesse e simpatia pelo destinatário e o elogio está em um contexto de pedido de envio de obra:

Ahora viene el “pechazo”, o pedido, que decimos | los rioplatenses. Teniendo en cuenta que es la única profesora de armonía y composición de los Conservatorios Nacional y Municipal que lleva obras de compositores contemporáneos para analizar con sus alumnos (Schönberg, Chávez, Stravinsky), sería Ud. tan amable de enviarle sus Preludios, que no se hallan en Buenos Aires? - La dirección es: Fermina Casanova Santa Fe 4432- Piso 13. Rep B. Cap. Rep. Argentina.
Disculpe Ud. que las argentinas seamos tan pedigüeñas, pero es A. M. G. M. (a mayor gloria de la Música, y que me perdonen los jesuitas).
Reciba Ud. un Gran abrazo de esta cantante que está a su disposición musical para siempre,
Dora Berdichersky de Arias (CEEMO/CICC/AR/M5/CP105)

Nesse dado, o pedido de desculpas com o qual o elogio coocorre ameaça a imagem positiva da própria remetente, que reconhece que seus atos podem não ser aprovados e, portanto, apela para a cortesia para justificar a ofensa e reparar essa possível ameaça, amenizando ainda o dano causado pelo pedido de obra do enunciado anterior.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 131), “todo pedido de desculpas constitui, ao mesmo tempo, uma antiameaça para a face positiva daquele que recebe e uma ameaça para a face positiva daquele que a produz”. Com isso, podemos concluir que, como no dado (21), o elogio presente nesse enunciado (22), diferentemente do que postulam Brown e Levinson, não é um ato que ameaça a imagem negativa do interlocutor, mas um ato que justifica e repara uma ameaça do emissor contra a própria imagem.

Estratégia aberta com cortesia negativa:

A estratégia aberta com reparação da imagem negativa é usada para minimizar uma ameaça causada por uma imposição. Portanto, a cortesia comunica o interesse do emissor por preservar o território do destinatário e dar atenção ao desejo de liberdade de ação dos participantes.

Essa estratégia usada para satisfazer os desejos de imagem do interlocutor ocorre em apenas um caso na amostra analisada. No dado, observa-se que o remetente não quer interferir na liberdade de ação de Chávez e minimiza a imposição assumindo, por meio do elogio, a possibilidade de que o destinatário não atenda ao seu pedido.

- (23) *Perdone Vd., querido amigo, por estas orientaciones, pero sé muy bien que se trata de algo un tanto delicado, y **que su personalidad siempre recta y éticamente intachable** podría encontrar cierta falta de rigor en formular un juicio sin pleno conocimiento de causa.* (CEEMO/CICC/PR/H1/CP119)

Esse dado foi extraído de uma carta redigida em 1976 e enviada de Porto Rico por um pianista e compositor. Sua relação com o destinatário Chávez é de amizade profissional e a temática da carta envolve a situação pessoal do remetente, busca por oportunidade de trabalho e solicitação de apoio nessa busca.

O elogio está em um contexto de pedido de recomendação para um trabalho. O remetente sabe que Chávez desconhece suas habilidades para o cargo “*Sé que es un atrevimiento de mi parte el solicitarle un juicio acerca de dos aspectos de mi personalidad como músico que Vd. Ignora*” e assume o pedido como uma “*pequeña falta de ética*”, por isso usa o elogio para minimizar a imposição e afirmar que reconhece os valores e a ética do destinatário.

Nesse caso, diferentemente do que postulam Brown e Levinson (1987), entendemos que o elogio não é um ato que ameaça a imagem negativa do interlocutor, mas um ato que repara uma ameaça à imagem negativa desse interlocutor, pois está relacionado a um pedido que põe em risco sua liberdade de ação.

O elogio é, portanto, interpretado como procedimento acompanhante que representa uma compensação de um ato ameaçador da imagem negativa do receptor, reforçando sua imagem diante de um pedido. Ele atua junto com um “desarmador” que antecipa uma possível reação negativa do destinatário e tenta suavizá-la (Kerbrat-Orecchioni, 2006).

Estratégia encoberta:

A estratégia encoberta é formulada de forma ambígua, o que dá ao emissor a possibilidade de não se responsabilizar pela ameaça causada por sua mensagem, pois permite atribuir ao ato mais de uma interpretação possível. Essa estratégia, que é ativada quando há um risco de ameaça à imagem, ocorre em apenas um caso na amostra analisada:

- (24) *Recientemente he terminado mi Poema Sinfónico, “Metamorfosis de la Gloria”, una obra para gran orquesta, la cual ya esta lista para ser editada, el material se está elaborando, solo falta la batuta de un **director de su talla**, para que pueda salir de mi música, todo el contenido de ella, ojala el destino, me pueda conceder este privilegio. (CEEMO/CICC/VE/H6/CP37)*

Esse dado foi extraído de uma carta redigida em 1975 e enviada da Venezuela por um compositor. Sua relação com o destinatário Chávez é de amizade profissional e a temática da carta inclui a expressão de admiração e desejo de que o destinatário volte à Venezuela, afirmando que a orquestra espera por Chávez. Nesse contexto, o remetente comenta com Chávez que produziu uma música e que só falta um “regente do seu nível” para executá-la.

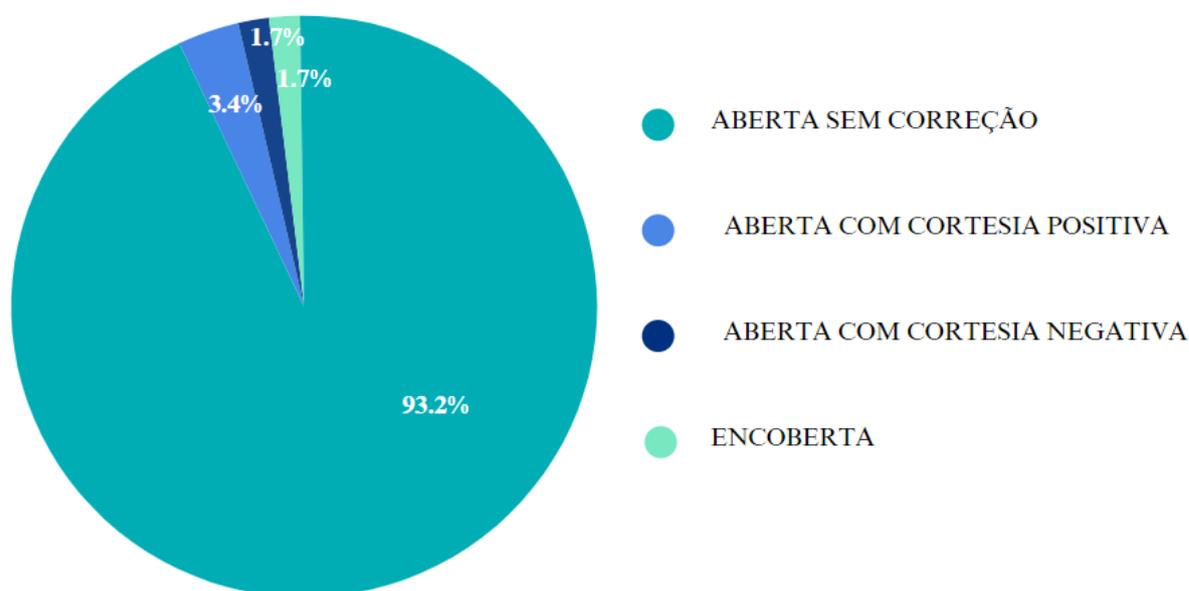
Pelo contexto geral da carta que o dado (24) foi retirado, o elogio é entendido aqui como um pedido, que ameaça a imagem negativa do interlocutor. No entanto, observa-se que o remetente não faz o pedido de forma direta e clara, pois o referido regente pode ser interpretado como o próprio Chávez ou outro regente com seu nível de habilidade. De acordo com Grice (1982), um participante pode deixar de cumprir alguma máxima do Princípio da Cooperação, indicando a presença de informação implícita no enunciado. Nesse caso, há uma violação à máxima “seja claro”, que se refere ao modo como o que é dito é dito, e a construção do sentido não se dá a partir do que foi dito, mas por meio do conteúdo transmitido implicitamente junto com o que foi dito.

Para Brown e Levinson (1987), o fato de não atribuir ao ato apenas uma intenção comunicativa clara representa um desvio que comunica atenção à imagem do destinatário, pois dá ao interlocutor possibilidades de interpretação da mensagem. Isso também permite ao emissor a possibilidade de não se responsabilizar pela ameaça que seus atos podem produzir e reduz o risco de a mensagem ameaçar a imagem do interlocutor.

Ainda de acordo com esses autores, nesse tipo de enunciado o emissor deve dar algumas dicas para que o destinatário infira o que ele pretende dizer de forma implícita. E uma pista para interpretar esse ato como um pedido é que a ameaça inclusive é reparada pela expressão “*ojala el destino, me pueda conceder este privilegio*”, no sentido de que o remetente minimiza a imposição sinalizando que não vai interferir na liberdade de ação do destinatário, pois conta com a ação do destino. Nesse caso, parece haver algo que não foi considerado por Brown e Levinson (1987), que é uma reparação de um ato realizado por meio de uma estratégia encoberta.

Depois de revisar cada uma das quatro estratégias de cortesia da teoria de Brown e Levinson (1987) observando os contextos de elogio, finalizamos esta seção apresentando os resultados da proposta de análise relacionada ao primeiro objetivo deste estudo. Para ilustrar os resultados da análise o gráfico a seguir mostra a frequência de uso de cada estratégia de cortesia nos contextos de elogio.

Gráfico 1: Frequência de uso de estratégia comunicativa



Fonte: autoria própria.

No gráfico, podemos observar o predomínio de uso da estratégia aberta sem correção (93.2% das ocorrências), o que indica que o risco de ameaça nos contextos de elogio é mínimo, isso sugere que a classificação do elogio de Brown e Levinson (1987) não corresponde ao uso que prevalece na amostra do corpus CICC. Por outra parte, reforçando essa conclusão, nos casos em que a estratégia aberta é usada com reparação de uma ameaça, isto é, com cortesia positiva (3.4% dos dados) ou com cortesia negativa (1.7% dos dados), o elogio não atua como ato ameaçador, mas como ato reparador. Por fim, a estratégia encoberta, usada quando há um risco de ameaça à imagem, é encontrada em apenas um dado da amostra estudada (1.7% dos dados).

4.2 Tipos recorrentes de elogios da amostra do corpus CICC

A análise desenvolvida nesta seção considera o segundo objetivo específico da pesquisa, de verificar os tipos de elogios representativos da amostra e sua influência para a expressão ou não realização do elogio como ameaça. Dentro do conjunto de atos que comunicam uma avaliação positiva por algo relacionado ao destinatário, podemos identificar que, nas cartas analisadas do corpus CICC, o ato de elogio é realizado por meio de uma expressão de aprovação em relação à personalidade, objeto/produção, habilidade, característica/aparência física do destinatário ou categorias híbridas, que mesclam mais de um desses tipos, conforme detalhado a seguir.

Expressão de aprovação da personalidade

Nessa categoria, estão os elogios relacionados ao caráter e qualidades pessoais de Chávez, que fazem referência a sua dignidade, vitalidade, seu espírito jovem e sua personalidade carinhosa, amorosa e humilde etc. Essa categoria de tipos do elogio pode ser observada nos dados a seguir que servem de exemplo.

- (25) *Estimado Maestro: espero sinceramente, que para el momento de recibir la presente se encuentre Ud tan **brillante** y **afable** como la ultima vez que nos vimos en la plaza de San Marcos en Venecia, cuando Ud me invito un trago cuyo nombre muchas veces he tratado de recordar inutilmente.* (CEEMO/CICC/VE/H7/CP21)

Esse dado é de 1976 de uma carta enviada da Venezuela por um músico. Sua relação com o destinatário Chávez é de amizade profissional e a temática da carta está relacionada à atuação profissional do remetente, seus planos futuros e pedido de sugestões. O elogio é expresso de forma direta no contexto de abertura da carta e tem como foco a personalidade “brilhante” e “agradável” do destinatário. O ato não apresenta risco de ameaça à imagem dos participantes, o que está em conformidade com o efeito positivo do elogio como um ato de reforço da imagem defendido por Kerbrat-Orecchioni (2004).

Outro exemplo de expressão de elogio que tem a personalidade do maestro Chávez como foco e produz um efeito valorizante de reforço da imagem positiva pode ser observado no dado (26) a seguir.

- (26) *Todos los músicos le recuerdan con cariño, y es que muy pocas veces se encuentra tanta **comprensión**, tanta **paciencia** y **bondad** junto a una **firmeza de carácter** en una persona que ha llegado a las mas altas cumbres del saber y la fama, sin perder la **humildad**.* (CEEMO/CICC/DO/M1/CP66)

Esse dado foi extraído de uma carta redigida em 1970 e enviada da República Dominicana por uma compositora e pianista (mesma remetente do dado 19 da seção anterior). A temática inclui o envio de notícias, pedido para que Chávez envie notícias suas, além da sinalização de recibo de uma partitura e solicitação de envio de outra. O elogio tem como foco a personalidade do destinatário, expressa por meio da avaliação positiva em relação a um conjunto de qualidades (compreensão, paciência, bondade, firmeza de caráter e humildade) e é formulado sem ambiguidade ou correção, pois não comunica risco de ameaça à imagem dos participantes.

Expressão de aprovação de um objeto/produção

Nessa categoria estão os elogios relacionados a algum objeto material, como uma obra que pode ser enviada ou doada. Essa categoria de tipos do elogio pode ser observada nos dados a seguir:

- (27) *Grande ha sido mi complacencia al recibir su libro de los 10 Preludios para piano. Las he estado leyendo y observando **cuán hermosas están hechas.*** (CEEMO/CICC/AR/M1/CP112)

Esse dado é de uma carta de 1975, enviada da Argentina por uma pianista. A temática da carta abarca o cotidiano musical com seus acontecimentos e sujeitos envolvidos. O elogio expressa uma avaliação positiva em relação a uma obra enviada por Chávez e não comunica uma ameaça à imagem negativa do destinatário nos termos de Brown e Levinson (1987), pois não indica que o emissor gostaria de ter algo do destinatário, uma vez que o objeto de elogio já está em sua posse.

Outro exemplo de expressão de elogio direcionado à algum objeto pode ser observado na ocorrência a seguir.

- (28) *Tengo el agrado de dirigirme a Ud. para agradecerle su **valiosa donación** de la obra “Soli n° 2 para Quinteto de Vientos”, la cual enriquece la biblioteca específica de la sección de obras para quinteto de vientos de esta Escuela Superior.* (CEEMO/CICC/AR/FC/CP93)

Esse dado também é de 1975 e foi retirado de uma carta da Argentina assinada pelo secretário e pelo diretor da *Escuela Superior de Música/Universidad Nacional de Cuyo*. O elogio está em um contexto de agradecimento a Chávez e expressa uma avaliação positiva em relação a uma doação de obra.

Expressão de aprovação de uma habilidade

Essa categoria de habilidade inclui os elogios direcionados à capacidade e talento de Chávez para a realização de alguma atividade relacionada a sua atuação profissional. Eles fazem referência a “*su música*”, “*sus éxitos artísticos*”, “*perfectas interpretaciones*”, “*su maravillosa e incansable actividad*”. Esse tipo de elogio pode ser observado na ocorrência a seguir:

- (29) *Mis saludos y mejores deseos a los suyos y espero que pueda volver pronto a trabajar bajo su **formativa y sabia dirección.*** (CEEMO/CICC/VE/H7/CP21)

Esse elogio foi extraído da mesma carta da ocorrência (26), o dado está no contexto de fechamento da carta e tem como foco a habilidade do maestro de conduzir a orquestra de maneira “formativa” e “sábia”.

Expressão de aprovação de uma característica/aparência física

Esta categoria contempla apenas os dois elogios seguintes, que diferem dos elogios anteriores porque se aproximam do que poderia ser um elogio relacionado a uma característica ou aparência física.

(30) *Dios quiera me de la dicha también de que Ud. lo conozca; ya me encargaré cuando crezca de hablarle del “viejo” (por cariño, no por que lo sea) **más bello y maravilloso** que yo he conocido.* (CEEMO/CICC/VE/M4/CP13)

Esse dado é de uma carta de 1977, enviada da Venezuela por uma violinista. A temática da carta contém uma expressão de desejo de que Chávez esteja bem em relação a uma operação e inclui informações do cotidiano musical e a notícia de que a remetente se tornou mãe. No enunciado, a remetente expressa o desejo de que Chávez conheça seu filho e o ato comunica uma avaliação positiva em relação ao destinatário. Os elogios “*bello*” e “*maravilloso*” podem ser interpretados como elogio à aparência física, mas não necessariamente, uma vez que o contexto em que estão inseridos também contém expressões de aprovação quanto a qualidades profissionais do maestro. De qualquer forma, esse elogio não se configura como uma ameaça à imagem negativa do destinatário nos termos de Brown e Levinson (1987).

O segundo exemplo de elogio dessa categoria pode ser observado a seguir.

(31) *Muchas gracias por enviarme su fotografía - **está bárbara***
(CEEMO/CICC/AR/M3/CP88)

Esse dado foi extraído de uma carta redigida em 1975 e enviada da Argentina por uma pianista. O elogio “*está bárbara*” referente à fotografia pode ser interpretado como elogio ao aspecto físico, figura do destinatário, ou à fotografia como um objeto. Esse ato não interfere na liberdade de ação dos participantes e, portanto, não representa uma ameaça à imagem negativa do interlocutor.

Esses últimos dados evidenciam que o foco do elogio não é tão delimitado. Portanto, com relação a essas categorias, é importante esclarecer que, na prática, não são classificações tão rígidas, pois um mesmo enunciado pode conter uma demonstração de admiração interpretada como elogio a uma habilidade ou personalidade, por exemplo, e pode ser classificado em mais de uma categoria.

Para responder como esses tipos recorrentes de elogios das cartas do corpus CICC influenciam na comunicação de ameaça, em resposta a segunda pergunta de pesquisa, é preciso observar alguns pontos. O primeiro a ser destacado é o fato de que os elogios são classificados por Brown e Levinson (1987) como atos que ameaçam a face negativa do interlocutor, pois o emissor indica que gostaria de ter algo do destinatário. Isso levaria o destinatário a tomar medidas para proteger o objeto de desejo ou entregá-lo. Essa definição não contempla as ocorrências do ato de elogio em absoluto, porque, como vimos nos dados anteriores, nem sempre o foco do elogio é um objeto transferível que o destinatário pode entregar.

No dado a seguir, temos um exemplo de uma expressão que indica que o emissor gostaria de ter algo do destinatário, inclusive o próprio remetente cita que sente “inveja” da vitalidade de Chávez, o que poderia ser classificado como ameaça à imagem negativa do interlocutor, uma vez que o elogio é classificado por Brown e Levinson (1987) junto com o ato de inveja. No entanto, por ser uma característica de personalidade, não coloca a imagem do destinatário em perigo.

(32) *También estoy completamente segura de que su estadia en Nueva York estuvo llena de éxito y ya me lo veo atareado como siempre y tan lleno de está vitalidad suya que tanto le envidio* (CEEMO/CICC/VE/M3/CP20)

Por outro lado, para que o elogio seja uma ameaça à imagem negativa do interlocutor, parece que esse objeto de desejo transferível não precisa ser necessariamente um objeto material. Vejamos a ocorrência a seguir, em que a disponibilidade (presença) representa o objeto de desejo.

(33) *Recientemente he terminado mi Poema Sinfónico, “Metamorfosis de la Gloria”, una obra para gran orquesta, la cual ya esta lista para ser editada, el material se está elaborando, solo falta la batuta de un **director de su talla**, para que pueda salir de mi música, todo el contenido de ella, ojala el destino, me pueda conceder este privilegio.* (CEEMO/CICC/VE/H6/CP37)

Esse dado já foi analisado na seção anterior pela perspectiva da estratégia, agora, pela perspectiva do foco do elogio, é possível observar que, dependendo da viabilidade da situação, o elogio a um objeto transferível pode ser entendido como um pedido, o que ameaçaria o desejo do destinatário de ter seus atos desimpedidos. Isso confirma a hipótese de que um elogio a um objeto transferível seja entendido como ameaça à imagem negativa como foi classificado por Brown e Levinson; ainda que o foco do elogio não seja um território de posse nos termos de Goffman, mas a disponibilidade/presença.

4.3 Aplicação da Teoria de Brown e Levinson nos dados do corpus CICC

Nesta seção, a fim de dar espaço para as particularidades do corpus CICC, ampliamos o debate tendo em mente os contextos que poderiam favorecer ou impossibilitar a realização do elogio como ameaça a partir de dados como o perfil da carta e o âmbito de elogio. Esse debate contempla o terceiro objetivo de pesquisa proposto.

O primeiro ponto de destaque é que se opõe ao que postulam Brown e Levinson para o ato de elogio é o fato de que, na amostra do corpus CICC, os elogios a objetos materiais não ameaçam a face negativa do destinatário porque não indicam que o emissor gostaria de ter algo dele, isso porque nos dados analisados o emissor já está em posse do objeto elogiado. Por isso, nesses casos, o elogio está em um contexto de agradecimento e é uma estratégia que busca preservar a face positiva do interlocutor, tal como é possível observar no dado a seguir.

(34) *Recibí el catálogo de sus obras, **precioso!** mil gracias.*
(CEEMO/CICC/DO/M1/CP55)

Esse elogio é de uma carta de 1972, enviada da República Dominicana por uma compositora e pianista. A relação da remetente com o maestro Chávez é de amizade profissional e a temática da carta envolve assuntos pessoais e profissionais. No elogio da ocorrência, a remetente sinaliza o recebimento das obras de Chávez, não o desejo de tê-las. A própria prática aparentemente comum de Chávez de enviar obras cria esse contexto recorrente de sinalização de recebimento e agradecimento.

Outro ponto observado é que os elogios da carta se distribuem entre o âmbito pessoal e profissional. A própria figura do destinatário Carlos Chávez determina esses aspectos e também os tipos dos elogios, pois, sendo ele um maestro conhecido por suas habilidades e produção artística, uma expressiva quantidade de construções de admiração destacam o aspecto profissional, com uma insignificante atenção para a aparência física, por exemplo.

O dado a seguir apresenta o elogio no âmbito pessoal “su gran simpatía” e profissional “su inquieta musicalidad”.

(35) *Realmente ha sido un placer conocerlo personalmente y poder gozar de su palabra, de **su inquieta musicalidad** y **su gran simpatía.***
(CEEMO/CICC/AR/M1/CP112)

Essa ocorrência, foi enviada por uma remetente do meio musical, sua relação com o destinatário Carlos Chávez é de amizade profissional e a temática da carta inclui o cotidiano musical. Esse dado permite exemplificar que o caráter das cartas, a relação entre os participantes e a posição social que o destinatário ocupa são fatores que favorecem a expressão de admiração e a produção do elogio como estratégia de cortesia elaborada em atenção à imagem positiva do destinatário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, que aborda o uso do elogio em cartas do século XX destinadas ao maestro mexicano Carlos Chávez, o elogio é explorado para entender em que medida pode representar uma ameaça para a imagem negativa do interlocutor, como afirmam Brown e Levinson (1987), autores que desenvolveram a teoria mais completa sobre a cortesia. Para explorar esse ato e atender a esse objetivo geral, organizamos este estudo em torno de três objetivos específicos que permitiram acionar discussões que abordam as manifestações que essa teoria não contempla.

Como primeiro objetivo específico nos propomos a descrever as estratégias de cortesia empregadas nos contextos de elogio e analisar com que frequência cada uma aparece. Para isso, os dados foram sistematizados de acordo com as estratégias: aberta sem correção, aberta com cortesia positiva, aberta com cortesia negativa e estratégia encoberta. Partimos da hipótese de que, se o elogio é uma ameaça à imagem negativa, não se expressará por meio de estratégia aberta sem reparação. E pudemos identificar que, nas cartas analisadas do corpus CICC, o elogio é realizado principalmente por meio da estratégia de cortesia aberta sem correção, o que indica que o risco de ameaça nos contextos de elogio é mínimo.

O resultado deste primeiro objetivo é o principal argumento para concluir que a classificação do elogio apresentada por Brown e Levinson (1987) não corresponde ao uso que prevalece na amostra do corpus CICC analisada, pois apenas um elogio da amostra estudada (1.7% dos dados), expresso por meio de uma estratégia encoberta, ameaça à imagem negativa do interlocutor. Por outra parte, a realização do elogio por meio da estratégia de cortesia aberta sem correção em 93.2% dos casos aproxima os dados do CICC à classificação proposta por Kerbrat-Orecchioni (2004) de que o elogio produz efeito valorizante e atua no reforço da imagem positiva.

Reforçando essa conclusão, nos casos em que a estratégia aberta é usada com reparação de uma ameaça, isto é, com cortesia positiva (3.4% dos dados) ou com cortesia negativa (1.7% dos dados), o elogio não atua como ato ameaçador, mas como ato reparador. Por fim, essa primeira análise permitiu identificar que a estratégia encoberta também pode vir acompanhada de um ato reparador do possível dano causado pela interpretação do elogio como ameaça

Em relação à segunda análise da pesquisa, que buscou verificar os tipos representativos dos elogios da amostra e sua influência para a expressão de ameaça, identificamos que, na amostra do corpus CICC, o ato de elogio é expresso por meio de uma aprovação em relação à personalidade, objeto/produção, habilidade ou característica/aparência física do destinatário.

Esses tipos atuam na expressão de ameaça apenas na ocorrência em que podem representar um objeto de desejo transferível ainda que esse objeto de desejo não seja um bem material.

Por fim, a análise de contextos permitiu levantar alguns dados sobre as singularidades da amostra e foi possível concluir que o caráter de amizade profissional das cartas, a relação entre os participantes e a posição social de destaque do destinatário são fatores que favorecem a expressão de valoração positiva e a produção do elogio como estratégia de cortesia elaborada em atenção à imagem positiva do destinatário. Isso posto, interpretamos que esse cenário pode ser fator que favorece o que pontua Kerbrat-Orecchioni (2004) e reforça a conclusão já apresentada de que a classificação de Brown e Levinson (1987) não se sustenta para este corpus.

Como reflexão final deste estudo, apresentamos as considerações finais ponderando sua relevância, suas limitações e desdobramentos futuros. No que se refere à relevância, este estudo contribui para o avanço nos estudos sobre a expressão do ato de elogio e sua relação com a cortesia em língua espanhola, apresentando uma análise que parte da verificação da aplicabilidade dos postulados da teoria mais tradicional sobre o tema, mas incluindo discussões que complementem suas lacunas e apresentem novas perspectivas.

Em relação as limitações, é preciso destacar que, dada a complexidade das interações e as possibilidades de comunicar conteúdos implícitos e valores específicos de cada sociedade, é preciso aprofundar o estudo dando mais ênfase para os valores de cada cultura. Nesse sentido, como possíveis desdobramentos, seria interessante poder contemplar em estudos futuros sobre as estratégias de cortesia verbal a questão da expressão do elogio nas variedades do espanhol, uma vez que a cortesia, como fenômeno sociocultural, requer um enfoque que mobilize diferentes campos disciplinares que estudam a atividade humana, como a psicologia, a antropologia e sociologia.

REFERÊNCIAS

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. ¿Qué acervos documentales y gráficos podemos encontrar en el AGN? *Gobierno de México*, Ciudad de México: 2016. Disponible en: <https://www.gob.mx/agn/acciones-y-programas/que-acervos-documentales-y-graficos-podemos-encontrar-en-el-agn>. Acceso en: 3 oct. 2021.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-306.

BILUCA, L.; BOTKOWSKI, J. *Correspondencias Internacionales a Carlos Chávez: introdução e características do corpus CICC segundo as estratégias de cortesia verbal e o uso das formas de tratamento*. CEEMO/UFSC, 2022.

BRAVO, D. (ed.). *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE: La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: Identidad sociocultural de las Comunidades hispanohablantes*. Estocolmo: EDICE, 2003.

BRAVO, D; BRIZ, A (eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALSAMIGLIA, H.; TUSÓN, A. Las relaciones interpersonales, la cortesía y la modalización. In: _____. *Las cosas del decir: manual de análisis del discurso*. 3. ed. Ciudad de México: Ariel, 2012.

CEEMO. Corpus del español escrito con marcas de oralidad. *Correspondencias internacionales a Carlos Chávez – CICC*. Florianópolis: DLLE/UFSC, 2020.

FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2010.

GOFFMAN, E. Sobre el trabajo de la cara. In: *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1970 [1967].

GOFFMAN, E. Los territorios del yo. In: *Relaciones en público: microestudios del orden público*. Madrid: Alianza Editorial, 1979 [1971].

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). *Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística – bibliografia*. Campinas: Unicamp, 1982. p. 81-103.

HAVERKATE, H. *La cortesía verbal: estudio pragmalinguístico*. Madrid: Gredos, 1994.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía?, en Pragmática sociocultural. Estudios sobre el discurso de cortesía en español, D. Bravo y A. Briz (eds.), Barcelona: Ariel, 2004, 39-53.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje. In: _____. *Lengua hablada en la Rumania: español, francés, italiano*. Madrid: Gredos, 2007. p. 20-42.

MAÍZ-ARÉVALO, C. Los cumplidos. In: Placencia, M. E.; Padilla, X. A. *Guía práctica de pragmática del español*. Londres: Routledge, 2020.

MARCUSCHI, A. L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MORENO FERNÁNDEZ, F. Interacción comunicativa y cortesía. In: _____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4. ed. Barcelona: Ariel, 2009, p. 141-157.

REYES LÓPEZ, M. Las estrategias corteses en la realización del acto del cumplido: un análisis a partir de diálogos cinematográficos. *Estudios de Lingüística Aplicada*, Coyoacán, n. 59, jul. 2014, p. 9-37

SEARLE, J. R. *Actos de habla: ensayo de filosofía del lenguaje*. Barcelona: Editorial Planeta-De Agostini, 1994 [1969].

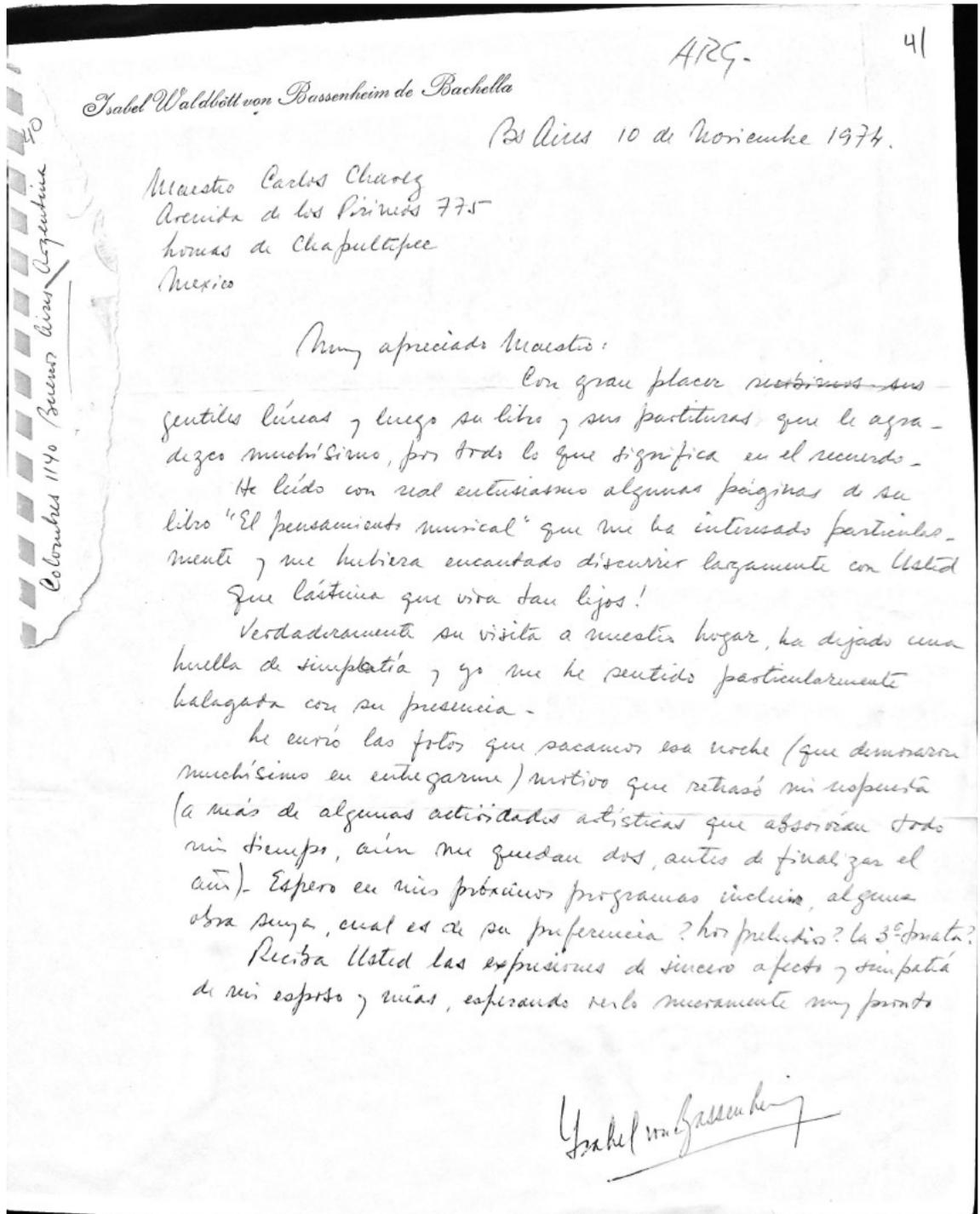
SEARLE, J. R. Una taxonomía de los actos ilocucionarios. *Teorema: Revista internacional de filosofía*, vol. 6, n. 1, 1976, p. 43-78.

TIN, E. *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípio*. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 - AMOSTRA DE CARTAS

CEEMO_CICC_AR_M3_CP100



ANEXO II - AMOSTRA DE CARTA

CEEMO_CICC_MX_H2_CP120

*Correspondencia Particular
del Presidente de los
Estados Unidos Mexicanos*

Palacio Nacional, a 6 de
febrero de 1942.-

Señor
CARLOS CHAVEZ,
Av. Isabel la Católica 30.
C i u d a d . -

Estimable amigo:

Me es grato corresponder a la atenta carta de usted fechada el 4 del actual, de cuyo contenido me enteré.

Le agradezco mucho los dos albums de discos que fué tan amable de enviarme, y ya tuve la satisfacción de deleitarme con la exquisita música de ellos.

Felicito a usted muy especialmente por el alto nivel a que ha llegado la Orquesta Sinfónica de México bajo la dirección de usted y no dudo que este grupo seguirá obteniendo mayores triunfos en sus perfectas interpretaciones.

Retórñole sus saludos y con deseos por que su viaje a los Estados Unidos le sea placentero, me reitero atento amigo y seguro servidor.,



MANUEL AVILA CAMACHO.-

ANEXO III - AMOSTRA DE CARTA

CEEMO_CICC_PR_H2_CP119

*Recibida. Desde Brasil 3062, apto 402, Montevideo, Uruguay.
R.D. A partir del 20 de diciembre, mi dirección será:*

Maestro Carlos Chávez
20 W. 64 St., Apt. 43-S
New York, N.Y. 10023

Av. de los Pirineos 775
Lomas de Chapultepec
México 10, D.F., MEXICO

San Juan, P.R., 27 de Noviembre de 1976

Muy apreciado amigo:

Mucho le agradezco su gentil carta del 9 diciembre/75, en respuesta a una mía anterior.

Como Vd. ve, sigo aun en Puerto Rico, aunque esta vez por muy pocas semanas, ya que a partir del 20 de diciembre estaré, por un tiempo aun no definido, de regreso en Uruguay. Mi situación desde el pasado año no ha cambiado, más bien se ha agudizado, obligándome a desatender su consejo abandonando una posición antes de asegurarme una nueva.

Sin embargo, y a pesar del poco éxito tenido hasta ahora, confío en la buena fortuna, esperando, con la ayuda de Dios, que para setiembre del próximo año pueda estar trabajando en alguna universidad de los EEUU. Me he enterado de varias vacantes para profesor de composición, etc., y de director de orquestas universitarias, y he comenzado a escribir y a enviar currículos a todas ellas.

En particular hay dos que me interesan especialmente, en estos dos campos precisamente, en la California State University, Fullerton, Cal. He recibido una carta del Chairman del Depto. de Música de dicha Universidad enviándome los requisitos para poder aspirar a dichos cargos.

Entre estos requisitos figura "a list of five references who know ^{of} your recent professional work as a conductor and/or teacher." Me he tomado la libertad de pensar de inmediato en Vd., aun cuando sólo me conozca en mi calidad de compositor. Sé que es un atrevimiento de mi parte el solicitarle un juicio acerca de dos aspectos de mi personalidad como músico que Vd. ignora; pero por otro lado, frente a la importancia que este cargo (cualquiera de los dos) tendría para mí, y al enorme peso de su nombre para la selección final, no he vacilado en pasar por alto esta pequeña falta de ética, siempre que su propio criterio no ponga ninguna objeción en apoyarme de este modo.

Yo debo enviar los materiales solicitados para aspirar a ambos cargos, incluyendo la lista de 5 nombres entre los cuales estaría el suyo, durante el mes de diciembre, y Vd. probablemente recibiría en enero el pedido de informes directamente desde Fullerton, Cal. Creo que de todas maneras lo más natural sería que Vd. abriera su juicio sobre mí en mi calidad de compositor y de músico en general (no recuerdo si Vd. me ha oído como pianista) y, aunque fuera como de paso, sin darle excesiva importancia, hiciera una breve mención a mis "virtudes" como pedagogo y como director, de las cuales Vd. podría haber tenido noticia a través de otras fuentes dignas de todo crédito. Perdone Vd., querido amigo, por estas orientaciones, pero sé muy bien que se trata de algo un tanto delicado, y que su personalidad siempre recta y éticamente intachable podría encontrar cierta falta de rigor en formular un juicio sin pleno conocimiento de causa. Una vez más recurro a su ya manifestada generosidad hacia mí, y creo que ya no es necesario reiterarle más que su apoyo contribuiría enormemente a solucionar un difícil problema que se me viene planteando y agudizando desde hace ya casi dos años...

Querido Maestro y amigo, mil gracias otra vez. Le agradecería unas líneas informándome sobre su opinión sobre esto. Suyo affmo. *Carlos Chávez*

ANEXO IV - AMOSTRA DE CARTA

CEEMO_CICC_DO_M1_CP66

Santiago, Dic 9/70
21

Querido Maestro:

No se imagina cuanto he pensado en usted estos últimos meses después que regresamos de New York. Recibí los recortes de periódico y su carta también pero el motivo que me habría impedido escribirle sé que le va a alegrar: todo el tiempo libre que tenía lo pasé escribiendo. Ayer terminé de copiar la última partícula de mi "Elegía a las víctimas del 15 de Febrero". Es para orquesta, narrador y coro mixto; el texto, un poema de Manuel Rueda escrito cuando ocurrió el accidente. Puse toda mi alma y todas mis ideas cuando quise decir musicalmente lo que él expresa con palabras. Ojalá haya quedado bien. Manuel quiere estrenarla en la temporada de primavera.

Se usó el ⁻²⁻lapicero que usted me regaló y ha sido un ahorro de tiempo y tremendo pues aquí hay copiadoras Xerox que, aunque mucho más caro que allá le evitan a uno muchos dolores de cabeza con los copistas. Gracias por enseñarme como hacerlo!!

¿Cuándo volveremos a vernos? Aquí todo sigue igual a cuando usted vino. El próximo viernes 11 cierra la temporada de conciertos la orquesta y harán el Triple de Beethoven, Simbernard, Francois y Pueda como solistas. Le adjunto un recorte donde recuerdan su actuación aquí. Todos los músicos le recuerdan con cariño, y es que muy pocas veces se encuentra tanta comprensión, tanta paciencia y bondad junto a una firmeza de carácter en una persona que

ha llegado a las mas altas cumbres del saber y la fama, sin perder la humildad.

Como pasará las Navidades? Descansando en casa? Para nosotros será triste. El primer año sin Tony que era la alegría hecha persona, será muy duro sobre todo para mi hermana. Simbernard perdió su esposa hace poco mas de un mes; estuvo hundido sin poder tocar hasta la semana ante-pasada que fue cuando reanudó sus programas de television etc. fue una muerte repentina que no afectó a todos.

Pero no le cuento mas cosas tristes. Quisiera saber pronto de usted aunque me haya tardado yo tanto en escribirle. Cuénteme que proyectos tiene para el año próximo. Si volviera aquí!

Recibí la partitura de su "Invención" para piano, pero

-4-

usted se la había oprecido a
Lamia, así que se la dé. A mí
me "debe" usted las partituras de
las sinfonías que me las prome-
tisí cuando me regaló los discos.
No se olvide de mandármelas.

Se he dado una tremenda
"lata". Terminos con mis sinceros
deseos de que pase unas fiestas
de Navidad muy feliz en union
de su familia.

Reciba un abrazo lleno
del afecto sincero de

Margarita

ANEXO V - AMOSTRA DE CARTA

CEEMO_CICC_VE_M3_CP12



ORQUESTA NACIONAL JUVENIL
"Juan José Landaeta"

parque central / edificio Mohedano / nivel of1 113 / teléfono 574.24.84
complejo cultural "Teresa Carreño" / sala "José Félix Ribas" / teléfono 572.91.70
Caracas / Venezuela

36
30 de Marzo de 1977

Muy querido Maestro Chávez:

Desde cuando estaba por contestar a su tan cariñosa carta; pero el tiempo pasa sin yo darme cuenta. La verdad es que desde Enero yo me he mudado dos veces de oficina. La primera vez nos fuimos del "Cindú" hasta unas oficinas detrás de la Sala "José Félix Ribas" y desde hace tres semanas me mudaron en el Parque Central, Edificio "Mohedano" ya que allí además de la Administración está funcionando la Coordinación Académica y estoy trabajando con el Dr. Abreu y Carlos Piccinini. Ricardo Urea y Maureen quedaron en la Sala. Estoy muy triste ya que Ud. sabe lo mucho que nos queremos ella y yo. Por ahora, ella está de vacaciones, pero a su regreso nos veremos almorzando juntas todas las veces que podamos.

Me gustó la mudanza ya que estoy mucho más cerca de mi casa y me da tiempo de ir a almorzar allí y así veo a Pepe y a los muchachos. Ellos están bien. Sylvia cumplió 15 años el 11 de Enero y se los celebramos con una fiesta bailable.... Como pasa el tiempo, me parece que fue ayer que nació!

Vejo que Usted sigue con su maravillosa e incasable actividad.... Usted sigue en todo.... y lo felicito y lo envidio. Siempre lo cito en ejemplo y digo que ojalá puede llegar a ser como Usted.... con ese carácter suyo tan joven, tan simpático y tan cariñoso y siempre queriendo hacer más y más. Espero y deseo de todo corazón que este año también vuelva a Caracas, pues la "Mercedita" y yo estamos ansiosos de "pasearlo" nuevamente. Pero fuera de broma, no sabe lo que me alegraría volver a verlo.

Sabe, estoy mucho mejor de mi columna; ahora me estoy tratando con una Doctora que me hace acupuntura y además ella es homeópata. Me ha ido a las mil maravillas y se puede decir que ya no sufro. Ojalá dure!!

El Dr. Abreu sigue como siempre "metido en todo" y no descansa ni un minuto. Ahora está formando Núcleos de Orquestas Juveniles en casi todos los Estados de Venezuela. Así que viaja para arriba y para abajo sin cesar. La verdad que no sé cómo puede aguantar este ritmo de trabajo!!

Seguimos dando conciertos y antier Erna Mulhbauer tocó el Concierto n°1 para Piano y Orquesta de Beethoven. Fue maravilloso y yo para no cambiar, me emocioné a tal punto que lloré.

Bueno, mi querido Maestro, espero que tendrá paciencia y tiempo de leer mi "periódico".

después recibí muy pronto de sus buenas noticias. - Muchos abrazos. Lydie

Lydie de Pérez, Edif. "Ayacucho" - apto. 113 - Libertador
La Florida - CARACAS/VENEZUELA.